

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Ivan Santos Ruppell Júnior

A Ética Protestante no pensamento de João Calvino

**São Paulo
2007**

IVAN SANTOS RUPPELL JÚNIOR

A ÉTICA PROTESTANTE NO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cavalcante

**São Paulo
2007**

IVAN SANTOS RUPPELL JÚNIOR

A ÉTICA PROTESTANTE NO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovada em 12/09/2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo de Paula Cavalcante
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Professora Doutora Márcia Mello Costa De Liberal
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira
UMESP

Ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por seu Amor, Graça e Presença; à minha esposa e filho, pela alegria de suas presenças e carinho de seus toques.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Prof. Ronaldo de Paula Cavalcante, meu respeito e gratidão, por sua amizade e confiança, bem como as seguras orientações e atenção dedicadas nos momentos fundamentais.

Ao Conselho da Igreja Presbiteriana do Guabirota e a cada um dos membros, pelo apoio e compreensão diante desta jornada individual, em que todos cederam de si ao meu proveito.

Ao Dr. Reverendo Juarez Marcondes Filho, pela orientação primeira ao curso, pela confiança e apoio, pelo constante respeito a mim dedicado.

Aos colegas todos, pela compreensão e respeito, apoio e coleguismo, em todo este precioso tempo juntos de aprendizado e reflexão.

Aos meus familiares, mãe Edi, irmã e irmão, pelo apoio e confiança.

Aos professores e funcionários da Pós-Graduação Mackenzie, pelo ensino e serviço a mim dedicados, além do respeito e consideração.

À Doutora Professora Márcia Mello de Costa De Liberal, gratidão especial, por me recordar da razão de minha dissertação, bem como pela prontidão constante e amizade sincera.

Ao Dr. Prof. Pedro Ronzeli, pelo apoio e amizade, disponíveis sinceramente a qualquer tempo.

Ao Dr. Prof. Edin Suede Abu Mansur, pela simpatia e respeito dedicados em demorada entrevista que rendeu importantes informações.

Ao Dr. Prof. Oswaldo Hack, pela consideração e apoio.

Ao meu Pai, Ivan Santos Ruppell, pelo exemplo e dedicação a mim – sempre.

RESUMO

Lançado no início do século 20, o livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* tornou-se obra clássica da Sociologia da Religião, ao desenvolver método de análise social em percebendo a influência da religião na estrutura da sociedade. Tendo por objeto textos oriundos de grupos Reformados Calvinistas dos séculos 17 e 18, o sociólogo Max Weber extraiu elementos da doutrina puritana calvinista que propiciaram uma conduta aos cristãos em meio à sociedade econômica, gerando assim um novo tipo de capitalismo – o capitalismo moderno ocidental. João Calvino é um dos principais líderes da Reforma Protestante do século 16, época em que legou à Igreja Cristã e ao mundo, reconhecida obra de Teologia sistemática Protestante, que se tornou base de doutrina às Igrejas Reformadas. Nesta dissertação, buscamos apreciar a análise de Max Weber acerca da ética protestante que denominou espírito do capitalismo, bem como apreender dos escritos originais de Calvino no século 16, a proposta de conduta e elementos de doutrina que identificariam uma Ética Protestante original ao pensamento do reformador. O propósito é conhecer e resgatar o pensamento próprio a Calvino e assim as verdades e valores formadores de sua distinta ética cristã orientada à conduta do cristão em sociedade.

ABSTRACT

Launched at the beginning of the twentieth century, the book “The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism” became a classic work of Sociology of Religion, when it developed a social analysis method feeling the influence of religion in the society structure. With tests from Calvinists Groups of seventeen and eighteen centuries, the sociologist Max Weber extract elements from Puritan Calvinist Doctrina which ones gave a behavior to Christians in the economic society, generating a new type of capitalism – the modern Ocident capitalism. John Calvin was one of the main leaders of the Protestant Reformation of sixteen century and at this time, he transmitted to the Christian Church and to the world, an acknowledged work about Protestant Systematic Theology that became the base of Reformed Churches Doctrina. In this dissertation, we tried to appreciate the analysis of Max Weber about Protestan Ethics, which dominated the spirit of capitalism, like to learn from original writes of Calvin at sixteen century, the proposal of behaviour and elements of Doctrina tha identified an original Protestant Etchic to the reformer thoughts. The purpose is to know and to recover the Calvin thoughts and then the trues and values that formed his different Christian Ethic, to advise the Christian behaviour in society.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO.....	13
3	A ÉTICA PROTESTANTE NO PENSAMENTO DE CALVINO.....	27
4	DOCTRINAS E CONCEITOS TEOLÓGICOS.....	60
4.1	A Glória de Deus.....	60
4.2	A Soberania de Deus.....	66
4.3	Vocação Religiosa.....	76
4.3.1.	Conceito.....	76
4.3.2.	Vocação: Perspectiva Reformada.....	79
4.3.3.	Vocação Secular: O Pensamento de J. Calvino.....	82
4.4	Trabalho: Perspectiva Reformada.....	84
4.5	Liberdade e Responsabilidade Social.....	90
4.6	Predestinação e Capitalismo.....	95
5	CONCLUSÃO.....	100
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103

Oração para antes do trabalho.

“Nosso bom Deus, Pai e Salvador, uma vez que a Ti Te aprouve ordenar que trabalhemos para podermos atender à nossa indigência, por Tua graça, de tal modo abençoa nosso labor que Tua bênção se estenda até nós, sem o que ninguém poderá prosperar no bem, e que tal favor nos sirva para testemunho de Tua bondade e assistência, mercê da qual reconhecamos o paternal cuidado que tens de nós. Ademais, Senhor, que Te apraza assistir-nos por Teu Santo Espírito, para que possamos exercer fielmente nosso múnus e vocação sem qualquer dolo nem engano, pelo contrário, que tenhamos antes o propósito de seguir Tua injunção que satisfazer o desejo de enriquecer-nos; que se, não obstante, a Ti Te apraz prosperar nosso labor, que também nos dês a disposição de proporcionar assistência àqueles que estão na indigência, segundo os recursos que nos houveres dado, retendo-nos em toda humildade, a fim de que nos não elevemos acima daqueles que não hajam recebido tal abundância da Tua dadivosidade (...).“
(CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 513).

1 INTRODUÇÃO

No início do século 20 o sociólogo alemão Max Weber publicou obra clássica da Sociologia da Religião, a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, analisando a formação do capitalismo ocidental a partir de influências religiosas na sociedade, formalizando uma base teórica de reflexão ao que tem sido tema de importância regular na sociedade em geral e especialmente dos acadêmicos.

As relações entre religião e sociedade permanecem gerando estudos e declarações: em recente edição de 27 de junho de 2007, a revista Veja publicou reportagem revelando a reação de filósofos e pensadores à permanência da idéia de Deus no mundo, pois, segundo estes, mesmo após o darwinismo explicar a criação sem Deus há século e meio: “Deus não cedeu espaço na moral, na cultura, na sociedade, nem mesmo na política”. Eis o princípio que demora a recrudescer na comunidade dos homens, gerando necessariamente reflexões múltiplas acerca da capacidade de influência da religiosidade na sociedade. Acerca deste tema, a análise de Max Weber expressou em seus resultados a realidade de uma interação profícua e profunda entre os valores religiosos dos homens e a estruturação de seu meio social.

As relações causais entre capitalismo e calvinismo que a obra anotou provocam reações no mundo teológico protestante, especialmente em defesa das doutrinas calvinistas, na busca de esclarecer que jamais gerariam um movimento tal como o capitalismo moderno. A isto decorre a contrapartida dos sociólogos, em defesa do método e pesquisa weberiano, declarando que seus resultados

oportunizam a real existência dos valores religiosos analisados agindo em prol do capitalismo. Mas esta discussão não se faz tema desta dissertação.

Para ser capaz de intitular sua obra utilizando o termo *Ética Protestante*, Weber serviu-se do ramo reformado puritano ambientado na Nova Inglaterra dos séculos 17 e 18, enquanto base de suas avaliações. Certamente não se deve negar que qualquer conduta originária deste ramo carrega consigo raiz protestante, como também calvinista; pois deste origina, e mais do que isto, desta raiz afirma o puritanismo ser fiel representante. Portanto, esclarecer a conduta dos cristãos da Nova Inglaterra perante a economia, denominando tal atitude sob o título *ética protestante*, jamais pode ser considerado engano.

Interessante será, porém, a partir da perspectiva de Max Weber quando anotou os elementos religiosos protestantes dos séculos 17 e 18, formulando seu tipo ideal como objeto de análise; buscar igualmente da ótica de Calvino, os elementos e valores de sua peculiar *ética* aos protestantes, conforme declarada no século 16, reconhecendo e identificando-os a partir de seus particulares textos teológicos. Quais as doutrinas de Calvino que impulsionam o cristão à sociedade? Quais valores devem orientar uma ativa atuação profissional dos protestantes, conforme ensina o reformador? Qual o significado e o propósito da *ética* de Calvino a fim de que seja fundamentada uma conduta cristã social aos fiéis protestantes? Enfim, qual a essência das afirmações doutrinárias que geram elementos significativos a fim de que possamos avaliar sua original *ética* protestante? – uma *Ética Protestante* segundo o pensamento de João Calvino.

O propósito desta dissertação, portanto, é unir ao debate que relaciona a ética protestante com o capitalismo, a perspectiva da ética protestante segundo João Calvino. Não se deseja concordar ou discordar de Max Weber e suas conclusões acerca do tema; pois, afinal, o objeto e relação analisados pelo sociólogo não são o tema deste texto. Simplesmente, desejamos apreender, do próprio João Calvino, que ética orientava ele para a Igreja Cristã quando desenvolveu o tema da vocação ao cristão em sua vida social.

Dentro desta proposta, dividimos este texto em três tópicos. Inicialmente, haverá a exposição da análise de Max Weber, tanto para compreensão da relação que afirma ele existir entre ética protestante e capitalismo, quanto para definição dos elementos religiosos que a desenvolveram. O II capítulo versará objetivamente acerca da origem de uma ética de conduta ao cristão em relação à sociedade bem como seus propósitos, conforme expressão fiel de textos originais de João Calvino. Assim será exposto no propósito de melhor promover as distinções entre a ética analisada por Weber e a conduta orientada por Calvino. O III e último tópico trará conceitos doutrinários pertinentes ao tema da ética protestante, que clareza e entendimento trarão à pesquisa. Serão descritos em separado ao desenvolvimento dos elementos e valores de conduta do cristão para com a sociedade. Pois são fundamentos à teologia sistematizada de Calvino, e que poderiam nos afastar de uma objetiva compreensão da ética cotidiana do reformador, se conjuntamente a esta fossem apresentados. Permanecem, no entanto, como fundamento e estrutura a fim de nos propiciar melhor entendimento das atitudes sociais calvinistas.

2 A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO

A Sociologia da religião em Max Weber percebe a Igreja ou instituição religiosa à luz de uma relação entre dominador e dominados: “Igreja é definida por Weber como uma associação de dominação que se utiliza de bens de salvação (...) através de um quadro administrativo que pretende ter o monopólio dessa coação. Portanto, ela submete seus membros de modo racional e contínuo.” (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002, p. 135) Observando a comunidade religiosa a partir da perspectiva de uma relação de dominação que organiza os grupos humanos em redor de valores que lhes sejam significativos, aqui, os bens de salvação, Weber tornará sua atenção à forma e processo como estes conteúdos se realizam em conduta para os membros fiéis, afirmando ser esta relação essencial à compreensão da estruturação da sociedade.

Max Weber deseja analisar a composição da sociedade a partir da compreensão inicial da ação social, pois nesta um homem atua orientado segundo um propósito, buscando influenciar a ação... do outro. “A explicação sociológica busca compreender e interpretar o sentido, o desenvolvimento e os efeitos da conduta de um ou mais indivíduos referida a outro ou outros – ou seja, da ação social...” (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002, p. 114) Dentro desta perspectiva, para valorar o envolvimento dos homens em sociedade e buscando compreender a relação de dominação que se organiza através dos conteúdos distribuídos aos membros do grupo religioso, Weber irá ressaltar o necessário processo de

racionalização que deverá unir os fiéis à liderança através de condutas sistematizadas que organizarão seu cotidiano e vivência. “A evolução e a organização da Igreja e da “religiosidade congregacional como uma estrutura corporativa a serviço de fins objetivos” supõem um processo de rotinização do carisma do profeta ou salvador.” (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002, p. 135)

Uma rotinização do carisma que através das ações interligadas em sentido definido irão prover a comprovação de causalidade dentro da relação que une os homens, formalizando-os assim enquanto grupo. Assim, a ação social originada pelo agente de dominação – a Igreja, resultará em conteúdo desta que é absorvido pelos componentes do grupo ao mesmo tempo em que os estrutura e integra. Estas ações sociais que se originam de um agente para a orientação da ação do outro precisam ser percebidas em seu significado, processo e resultados, a fim de que se compreenda então, a qualidade e quantidade da influência de conteúdos religiosos na sociedade – propósito da Sociologia, segundo Weber.

A oportunidade de se realizar enquanto ciência manifesta-se porque tal análise social permanece atuante dentro da perspectiva científica – a razão enquanto padrão de análise de seu objeto, necessitando para tanto, captar em seu olhar o fenômeno em sua razão histórica, de seus atos e fatos. Trata-se de dar objetividade ao conhecimento histórico, e também sua razoabilidade, sendo essencial, assim, que certa singularidade ou aspecto relevante lhe seja subtraído, e então analisado enquanto dado de comparação e orientação para a análise sociológica. “Se é que é possível encontrar um objeto (...) ele só pode ser uma “individualidade histórica”, isto é, um complexo de conexões que se dão na

realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua significação cultural.” (WEBER, 2004, p. 41)

Os valores religiosos ressaltados nos atos relevantes percebidos como essenciais à formação do fenômeno social, serão eficazmente reconhecidos e analisados a partir do quanto a sua existência e desenvolvimento na conduta dos membros do grupo religioso se revele através de ocorrência racional – sistematizada para a consecução do objetivo: “As condutas humanas são tanto mais racionalizadas (...) quanto mais ele se oriente por um planejamento adequado à situação.” (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002, p. 114)

A partir de critério pessoal do cientista social se fará a escolha de um objeto a ele relevante que esclareça singularidades exemplares do evento social que pretende compreender. Cria-se um tipo abstrato - tipo ideal conforme baseado na relevância do valor singular percebido, o qual se irá comparar a aspectos da realidade da situação histórica analisada, a fim de consignar as relações de causalidade que demonstrem a conexão de sentido, a relação social construída com significado. “Daí porque a apreensão conceitual definitiva não pode se dar no começo da pesquisa, mas sim no final...” (WEBER, 2004, p. 41)

O valor ao instrumento da análise surgirá da concordância entre a direção e sentido que orienta e os fatos percebidos historicamente. Por isso a análise sociológica deve escapar às leis pré-concebidas e generalidades enquanto avaliação do fenômeno, buscando aconchego no interior das peculiaridades agrupadas, fornecendo um sentido à realidade particular relevante ao

esclarecimento da influência sobre a formulação da relação social. Somente ações compreensíveis dentro de um processo de desenvolvimento significativo aos valores relevantes percebidos se farão real objeto da Sociologia.

Max Weber preocupou-se assim como Karl Marx em compreender a implantação do capitalismo no ocidente, tornando-se como este um cientista social clássico, pois seu método fez-se formador de perspectiva analítica essencial à ciência que recém se organizava no início do século 20. Enquanto Marx relacionava as concepções religiosas – superestrutura enquanto condicionais à estrutura – organismos de produção e trabalho, Weber, em contraponto, desejou examinar as relações e influências que se desenvolvem a partir do encontro destes dois elementos estruturais da sociedade, especificamente focando as influências da superestrutura na formação da estrutura – a religiosidade no sistema econômico.

Neste propósito de análise social e orientado ao tema capitalismo ocidental, Max Weber retratou a força da influência de crenças religiosas nas transformações da vida em sociedade, através da observação de doutrinas calvinistas declaradas em textos dos séculos 17 e 18, em comunidades puritanas localizadas nos Estados Unidos da América. Percebeu a existência de um sentimento de origem divina em dedicação ao trabalho secular, associado à necessidade interior de comprovação da salvação pessoal determinada pela eleição divina, que orientava uma vivência econômica dos cristãos protestantes enquanto premissa básica de sua fé. Eis o tema da análise que orienta sua obra mais conhecida: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.

O propósito da obra foi analisar o capitalismo moderno que avançava mundo afora, a partir de uma origem norte-americana e posicionamento diferencial em relação à atitude capitalista comumente observável em sociedades econômicas ativas no decorrer da história. Segundo Mcgrath, "Weber... defendia que um novo espírito do capitalismo havia surgido no século XVI. Portanto, não é bem o capitalismo mas uma forma específica de capitalismo que precisa ser explicada." (2005, p. 539).

Este novo capitalismo que Weber reconheceu apresentava-se sem inibições à conquista sequencial de riquezas e sem desperdício dos ganhos já adquiridos, gerando uma máquina econômica a partir de ações do homem, que promovia um movimento novo dentro da história. "Mas nos tempos modernos, o Ocidente conheceu uma outra forma de capitalismo: a organização racional capitalista do trabalho (formalmente) livre do qual não se encontra em outra parte senão vagos esboços." (WEBER apud SANTOS, 1967, p. 487).

O elemento que destacava este capitalismo moderno tornando-o diferencial e denotando a existência do que Weber iria definir como o novo espírito do capitalismo é o de uma perspectiva racional em relação ao trabalho secular profissional livre. Este direcionava as conquistas da atividade econômica a partir de seus fins específicos, definidos e determinados para a continuidade do progresso e geração de riquezas.

"Weber irá demonstrar que o que possibilitou a formação de um capitalismo dessa ordem, foram: uma

contabilidade racional, uma separação legal da propriedade das empresas e da propriedade pessoal, o desenvolvimento das possibilidades técnicas, bem como uma organização racional do trabalho capitalista, havendo entre esses fenômenos e o capitalismo uma influência recíproca." (WEBER apud SANTOS, 1967, p. 487).

O método científico de Max Weber busca construir e consignar uma relação de causalidade entre os aspectos estudados. Para estabelecer esta relação causal é preciso determinar o aspecto inerente e representativo dos ideais dos movimentos históricos considerados para a análise. É assim que Weber avalia inicialmente o capitalismo moderno, em busca dos fatores que o diferenciam historicamente a fim de formular o que denomina seu tipo ideal, o qual é "constituído a partir de elementos singulares diretamente extraídos da realidade histórica, elementos esses que são reunidos em virtude de sua significação conceitual." (SANTOS, 1967, p. 486).

A partir da definição deste tipo ideal, seu conceito será utilizado enquanto padrão a fim de que se perceba e afirme a relação causal existente entre aspectos singulares observáveis em movimentos históricos distintos. Após formular o tipo ideal referente ao capitalismo moderno, Max Weber volta-se à busca da relação de causalidade que une economia e religião. Racionalização é o termo que revela o novo espírito do capitalismo, o qual será o valor procurado em movimentos religiosos, especificamente a sua existência nas crenças que desenvolvem a conduta social do professo na fé.

O movimento religioso que se fará visivelmente interligado ao capitalismo incipiente à época do sociólogo é o calvinismo:

"Outros inúmeros exemplos podem ser fornecidos: entre a Europa setentrional e meridional, entre o Norte e o Sul da Irlanda, ou entre as duas Américas. Onde floresceu o Calvinismo, floresceu também o Capitalismo. (...) A demonstrável afinidade entre o Calvinismo e o Capitalismo funciona como uma premissa na análise de Weber, em vez de uma conclusão. É algo que necessita ser explicado, em vez de demonstrado." (McGRATH, 268, 2004.).

Enquanto McGrath desenvolve a relação histórica de progresso que aproxima gravemente calvinismo e capitalismo, Tawney, em a *Religião e o Surgimento do Capitalismo*, irá descrever afinidades de relacionamento a partir da premissa favorável à economia que se observa nos escritos doutrinários cristãos de Calvino: "O Calvinismo primitivo (...) tem sua própria regra (...) para a conduta dos assuntos econômicos. (...) e talvez seja o primeiro corpo sistemático de ensinamento religioso a cujo respeito se pode afirmar que reconhece e aplaude as virtudes econômicas." (1971, p.113).

O que Weber descreve é uma conduta social e econômica que provém de valores religiosos, a qual denomina ética protestante, especificamente relacionada ao ramo reformado calvinista. Max Weber observou que onde surgiu o calvinismo, surgiram igualmente elementos relacionáveis ao novo capitalismo,

como "o desprendimento do mundo, a ascese, a piedade religiosa de um lado, e de outro, a participação capitalista nos negócios." (SANTOS, 1967, p. 489).

Uma reflexão que busque compreender a relação observada por Max Weber entre capitalismo e protestantismo requer, entretanto, a percepção inicial de que atividades geradoras de capital não são uma novidade dos protestantes nem uma peculiaridade da revolução industrial do século XIX. "A tese de Weber é muito mais sutil e merece atenção." (McGRATH, 2004, p. 253).

Havia um novo capitalismo, analisou Weber, que trazia consigo, sim, uma novidade protestante, o qual se fez, igualmente, peculiar à vida econômica do século XIX. Tratava-se de nova perspectiva acerca da geração de riquezas, em seu acúmulo e uso, que se faziam orientar pelo que o sociólogo afirmou ser uma ética, e esta formalizando as bases do capitalismo moderno.

Uma ética protestante no capitalismo moderno, porque, segundo McGrath, em *A Vida de João Calvino*, "Weber percebeu essa atitude, particularmente bem ilustrada por uma série de escritores calvinistas dos séculos 17 e 18, (...) cujos escritos aprovam a acumulação de capital por meio de um envolvimento com o mundo ao mesmo tempo que criticava seu consumo." (2004, p. 254). Eis, em destaque, os protestantes, através dos escritos calvinistas; e eis, também, sua ética, uma atitude moral com relação ao capital motivada por princípios e valores religiosos conforme consignados nos escritos analisados.

Segundo Weber, este mover do cristão protestante no sentido de bem praticar sua piedade religiosa dentro de suas atividades seculares, aliado ao zelo

de não utilizar desordenadamente os bens adquiridos, revelam-se condutas humanas estabelecidas a partir de crenças religiosas e, reformadas. A orientação calvinista que convoca o cristão a servir a Deus em suas atividades seculares - sua vocação e chamado; e a predestinação, ensino que declarava o crente reformado um eleito de Deus, destinado a servir a Deus e convocado a demonstrar sua salvação na prática ativa dos propósitos de sua fé; vieram a se tornar as crenças geradoras da ética protestante no capitalismo moderno.

A visível relação histórica de causalidade entre este novo capitalismo e o calvinismo poderia ser explicada, então, no encontro de seus valores e atitudes comuns, em relação que se faria compreensível e conclusa a partir das singularidades dos tipos ideais que Weber formulou para representar tanto o capitalismo como o calvinismo. Conforme Oswaldo Hack:

"Para Weber, a cosmovisão religiosa dos norte-americanos determinou o comportamento especial diante dos desafios econômicos e acúmulo de riqueza, o que não aconteceu com outros povos em situações semelhantes. O modo de vida dos protestantes, observou Weber, com o espírito racionalista e metódico em relação ao capital e trabalho, levou ao acúmulo de lucros e capital." (2005, p. 6).

A racionalização do trabalho existente na conduta do protestante calvinista, e assim, sua ética religiosa, revelavam incrível similaridade com o que de novo observara Weber quando de sua análise do capitalismo moderno. Assim

se fez a relação causal e significativa entre valores do capitalismo moderno e do protestantismo, sendo o calvinismo o ramo reformado a emprestar as crenças que proveram tal conexão.

Conexão de sentido sociológico através do conceito da racionalização enquanto sintoma do *modus vivendi* que grassava o ocidente, sendo este também o aspecto crucial observado na análise do processo de dominação religioso que se organizava na vida dos fiéis, exatamente quando da implementação dos valores sagrados no cotidiano de suas vidas seculares.

Weber percebeu a força da influência religiosa para operar as mudanças sociais que eram regidas a partir de uma conduta sistêmica do fiel, segundo a vivência padrão do sagrado em seu cotidiano conforme lhe imputada pela liderança religiosa, orientadas a seu fim último – a devoção religiosa realizada sistematicamente no cotidiano social. “Mas a religião pode também fomentar o racionalismo prático. Em outras palavras, estimular uma intensificação da racionalidade metódica, sistemática, do modo de levar a vida, e uma objetivação e socialização racional dos ordenamentos terrenos.” (BARBOSA e QUINTANEIRO, 2002, p. 134)

Uma racionalização da conduta secular dos fiéis que se fez promover através de um sistema racionalizado e ético - pois pautado em deveres religiosos, o qual se fazia compreensível exatamente através da descrição das atitudes de valor do sagrado requeridas no cotidiano. O labor diário na sociedade era o ato religioso do fiel e a aquisição de bens tanto como seu uso para o financiamento da

continuidade deste progresso econômico a expressão zelosa de sua devoção ética.

O protestante calvinista se transfere ao mundo enquanto arena de sua devoção sagrada e o transforma a partir de seus peculiares princípios religiosos, realizando não uma simples adequação de valores ao que poderia já existir de nascente ou necessário ao secular econômico que contempla – o capitalismo ocidental. Mas, em verdade, atua em autonomia a subordinar este encontro social à mecânica de uma existência racionalizada, oriunda e construída a partir dos fundamentos religiosos que lhe são elementos particulares de sua ética própria: a ascese – um exercício espiritual que coordena a utilização das riquezas e bens à devoção de seu dever religioso, o qual considera desperdício o seu uso pessoal, valorando somente um seu uso comum que será, assim, um reinvestimento do que foi adquirido; pois o princípio é bem servir a Deus na eficácia progressiva do trabalho, e aqui trabalho econômico. Igualmente, a vocação secular – o chamado de Deus ao homem para que assuma sua responsabilidade religiosa na construção da sociedade conforme ordenada pelo Criador. São estes os temas que formalizam esta consagração sistematizada do sagrado dentro da sociedade, a partir do princípio do dever religioso que requer sejam consumados seus devidos propósitos, nesta jornada espiritual via vida profissional intra-mundana que conduz o fiel protestante em sua conduta moral – o ethos protestante.

Esta ética protestante singular com relação à formação do capitalismo ocidental foi por Max Weber elencada quando ao final de seu livro enuncia os

resultados de sua análise, afirmando ter encontrado e relacionado os elementos de união entre a ética protestante e o espírito do capitalismo:

“Um dos elementos componentes do espírito capitalista (moderno), e não só deste, mas da própria cultura moderna: a conduta de vida racional fundada na idéia de profissão como vocação, nasceu – como queria demonstrar esta exposição – do espírito da ascese cristã.” (WEBER, 2004, p. 164)

Enquanto compreensão dos elementos formadores do ethos protestante que se faz igualmente o espírito do capitalismo, segundo Max Weber; atentamos para esta conduta ética peculiar que se apresenta enquanto vocação na forte atuação profissional dentro da área econômica e enquanto ascese através da zelosa prática eficaz dos procedimentos destinados à salvação da alma. Dentro da concepção calvinista puritana, esta dedicação religiosa na sociedade acaba por orientar o trabalho profissional enquanto um gerador de bens, pois tanto deve o fiel bem realizar sua tarefa e assim adquirir riquezas, como também não deve delas usufruir livremente, pois a problemática sagrada está no uso desregrado e despropositado e não na capacidade de bem angariar as riquezas.

A característica particular desta filosofia avarenta apresenta a idéia do dever religioso do indivíduo para com esta atitude de labor ostensivo – pois é um fim em si mesmo, o bem trabalhar é o verdadeiro ideal sagrado. Importante perceber que não se trata de técnica de um bom viver econômico em um mundo onde necessário se faz ganhar o pão, mas sim, é ética peculiar, pois reveladora de

um dever moral recebido perante Deus – que se faz cumprir corretamente a partir do quanto mais se produz, pois a tarefa é trabalhar, adquirir, construir a sociedade em sua perspectiva econômica. Por isso não é mera necessidade ou dedicação comercial oportuna, mas sim, uma atitude ética. Assim esclarece Andre Biéler, ao refletir acerca da relação entre ética protestante e o espírito do capitalismo em seu livro o Pensamento Econômico e Social de João Calvino:

“Cada indivíduo deve consagrar-se a um trabalho bem definido e a ele entregar-se de maneira sistemática e metódica; isto faz parte da ordem de Deus, porque a dedicação profissional (ascese da vocação) é necessária à vida cristã, faz parte deste ascetismo (ascese do mundo interior) sem o qual não há progresso espiritual e moral. E o que Deus exige, não é o trabalho em si, mas esta dedicação profissional e metódica, este “exercício” espiritual na profissão que faz parte integrante da moral ativa.” (p. 635)

Foi esta ética protestante que transformou profundamente a vida econômica da sociedade ao unir a restrição do uso dos bens adquiridos com sua livre possibilidade de conquista pelo trabalho, resultando em um capitalismo novo, pois alimentado constantemente por frutos econômicos próprios.

Formalizada está a conexão de valores entre Capitalismo e Calvinismo, o que nos permite compreender a essência da análise do que Weber denominou: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.

“O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente trabalho in *majorem Dei gloriam* (para aumentar a glória de Deus). Daí porque o trabalho numa profissão que está a serviço da vida intramundana da coletividade também apresenta esse caráter. (...) O “amor ao próximo” – já que só lhe é permitido servir à glória de Deus e não à da criatura – expressa-se em primeiro lugar no cumprimento da missão vocacional-profissional imposta pela *lex naturae*, e nisso ele assume um caráter peculiarmente objetivo-impessoal: trata-se de um serviço prestado à conformação racional do cosmos social que nos circunda. Pois conformar e endireitar em relação a fins esse cosmos, que segundo a revelação da Bíblia e também segundo a razão natural está manifestamente talhado a servir à “utilidade” do gênero humano, permitem reconhecer como o trabalho a serviço dessa utilidade social (impessoal) promove a glória de Deus e, portanto, por Deus é querido. “ (WEBER, 2002, p. 99)

Assim compreendida a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, segundo o sociólogo Max Weber; sigamos ao capítulo II desta dissertação, que pretende expor objetivamente o significado da vocação religiosa ao trabalho, segundo o teólogo João Calvino, bem como os valores da conduta que o cristão deverá edificar no trato com as riquezas em sua interação à vida social e econômica da sociedade.

3 A ÉTICA PROTESTANTE NO PENSAMENTO DE JOÃO CALVINO

“A Escritura usa esta palavra VOCAÇÃO para mostrar que uma forma de viver não pode soar boa nem aprovada, a não ser que Deus seja o seu autor. E esta palavra VOCAÇÃO também quer dizer “chamado”; e este “chamado” implica em que Deus faça um sinal com o dedo e diga a cada um: quero que vivas assim ou assim. Eis, pois, o que chamamos estados: é que não nos ocupemos naquilo que Deus condena por Sua palavra.” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 528)

João Calvino nasceu na França e se fez notável líder da Reforma Protestante do século 16 a partir de seu tratado teológico *As Institutas da Religião Cristã*, bem como por sua atuação enquanto líder religioso e social na cidade de Genebra, até sua morte em 1564. Fundador da Universidade de Genebra, humanista cristão, dedicado estudioso da Bíblia e reconhecido como literato entre acadêmicos, Calvino irá fomentar através de sua doutrina e liderança o início de um movimento de transformação na religião e sociedade que atravessam gerações e nações. A Igreja Reformada, no Brasil, Igreja Presbiteriana, carrega consigo as doutrinas deste reformador, conquanto qualquer movimento protestante jamais possa negar influências teológicas ou éticas que saíram do

entendimento deste homem que, junto a Martinho Lutero, formalizou-se como líder mor da Reforma Protestante.

O Calvinismo é o movimento religioso cristão originário da Reforma Protestante do século XVI a objetivamente propor uma reforma religiosa que atua em aproximação ao mundo: "Se houve qualquer movimento religioso, no século 16, que tenha tido uma atitude afirmativa em relação ao mundo, esse foi o Calvinismo. "(McGRATH, 2004, p. 249). Esta é a perspectiva que dá unidade e rumo às práticas dos fiéis cristãos calvinistas enquanto reação de devoção religiosa diante de Deus e seus mandamentos.

Esta atitude afirmativa para com o homem e seu mundo realiza-se através de um olhar cristão reformado que percebe o ser humano positivamente, a partir de dois momentos: quando criado pôr Deus, e assim bom, como toda a criação no início; e quando transformado por Deus, e assim renovado através de Cristo para viver novamente com o Criador – aqui, o cerne da proposta religiosa de salvação no cristianismo. O estado “comum” de todo homem natural que é o afastamento e a autosuficiência perante Deus, distinto se faz, portanto, destes dois momentos: o tempo da origem do ser humano, em que fomos criados por Deus e bom éramos e, o tempo em que convertemo-nos ao Evangelho de Cristo, e bons podemos nos tornar pelo relacionamento com Deus que este nos traz.

O conhecimento destes dois momentos permitirá à religiosidade reformada, especialmente a calvinista, a perspectiva de que o homem e seu mundo errantes não devem ser renegados através do afastamento, mas sim,

reconquistados para o propósito inicial do Criador. Pois um mundo e seres humanos originalmente criados por Deus não devem ser abandonados em seu estado de imperfeição e rebeldia, mas sim, observados à luz de sua origem e visualizados na esperança do dia em que tudo irá retornar a existir somente segundo o bom propósito de Deus – uma proposta do evangelho que somente se cumpre no fim dos tempos, mas que já começou, e a religião cristã deve apregoar agora e viver desde hoje os primeiros passos deste ideal último de Deus à criação e existência humana. São as razões, pelas quais, segundo Knudsen, em Calvino e sua influência no mundo ocidental, "o Calvinismo teve em mira não a reforma na doutrina, na vida individual e na vida da igreja, mas também a transformação de toda a cultura, em nome de Cristo." (1990, p. 12)

A dominação da conduta do homem na sociedade é o projeto de redenção dos talentos e capacidades do homem que lhe foram entregues e possibilitados a desenvolver-se a partir de Deus, na criação. A mesma perspectiva que não amaldiçoa definitivamente o que é secular e humano no mundo, ao contrário de proposta regular em religiosidades outras, que afirmam o afastamento do homem do mundo desgraçado pois somente assim se fazem dignos de Deus e seus santos valores – o que não há no calvinismo; é também o princípio que visualiza e projeta o tratamento da vida humana dentro deste mundo, pois isto se faz à luz, do que lhe é originalmente bom - a vontade primeira de Deus ao homem e sua vivência social. Pois, afinal, a existência social do homem não origina do homem sem Deus, mas ao contrário, nasce do homem inicial que de Deus veio e com Deus existia plenamente.

Portanto, necessário é não desprezar a ação do homem no mundo, mas sim, volver tal ação ao que era bom – rumo a uma experiência social humana e no mundo segundo a vontade original de Deus. Enquanto ensina acerca da distinção entre o estado de pecado do homem – um terceiro momento, e seu estado original quando criado por Deus, Calvino apresenta esta peculiar distinção representativa do momento em que a raça humana foi criada:

“Deste conhecimento há dois ramos, a saber, o conhecimento do homem conforme originalmente foi criado, e o conhecimento da condição do homem desde a queda de Adão (...). Pois antes de tratarmos do estado miserável ao qual o homem caiu, vale a pena lembrar-nos daquilo que ele era originalmente (...).” (CALVINO, 1984, p. 80)

Aprofundando o entendimento do tema, Calvino esclarece a singularidade do estado original do homem na criação: “(...) ao passo que o verdadeiro conhecimento de si mesmo consiste em conhecer os poderes e privilégios que Deus nos deu na Criação, como também a condição miserável à qual fomos reduzidos pela queda de Adão.” (CALVINO, 1984, p. 105)

Aspecto fundamental também, do Calvinismo em relação ao mundo do homem é sua percepção de que nem tudo requer ser redimido como se nada de bom carregasse em si; pois há humanidades e artifícios do agir do homem que conseguem ser construídos à luz da boa vontade de Deus, mesmo a partir da premissa básica que afirma estar o homem distante e contrário ao plano original do Criador.

“Atribuir ao homem cegueira total que não lhe deixa inteligência alguma, não é apenas contrário à Palavra de Deus, mas também contrário à experiência e ao bom senso (...) Lembremo-nos, portanto, desta distinção: o conhecimento de assuntos terrestres é uma coisa, o conhecimento de assuntos celestiais é outra. Por assuntos terrestres quero dizer os que se referem à vida presente (...).” (CALVINO, 1984, p. 112)

Calvino adverte que a situação de rebeldia do homem para com o Criador não afasta da existência humana a ação providencial de Deus a fim de manter a continuidade e a vivência da humanidade - é a Graça Comum divina que permanece sobre todos os homens e suas ações nesta vida.

“Visto que o homem por natureza é de disposição social, está inclinado pelo instinto natural a estimar a sociedade e a conservá-la (...) Além disso, todos nós temos alguma aptidão para aprender as artes liberais e mecânicas; e esta é outra prova do vigor da mente humana (...) E embora a razão seja uma bênção comum que é outorgada a todos nós, cada um deve reconhecer que sua participação nela é um favor especial que Deus lhe conferiu.” (CALVINO, 1984, p. 112 – 113)

Segundo Knudsen, as artes liberais e as ciências exatas eram percebidas com premissa positiva pelo Calvinismo, ao contrário de outros movimentos religiosos cristãos que as afirmavam totalmente renegadas ou inicialmente percebiam-nas negativamente. Nesta perspectiva, por exemplo, a cultura do homem não apenas se permitia ser redimida e também continuar sendo

sua cultura - pois não se nega ao homem a vivência de suas humanidades enquanto este busca sua santidade; como ainda, tornava possível a observação da cultura existente como possivelmente boa em certos aspectos - um passo e tanto enquanto premissa de movimento religioso que busca resgatar a pureza religiosa em tempos de crise.

À luz da Reforma Protestante enquanto movimento de transformação social a partir do cristianismo ocidental, que se desenvolveu em países diversos e com lideranças múltiplas, é preciso perceber que esta peculiar doutrina do reformador João Calvino, enxergando integralmente a vida humana, individual e social enquanto passível de ser vivenciada na presença de Deus; não resulta em grave conflito doutrinário, por exemplo, com o iniciador da Reforma, Martinho Lutero. Tal reflexão acerca das diferentes posturas entre os reformadores mais conhecidos apresenta-se no pensamento de Biéler, a partir de obra sua: *A Força Oculta dos Protestantes*, enquanto diferença de ênfase apenas, que acontece, inicialmente, em razão do momento histórico, tanto religioso quanto social, com que cada um deles se deparou e, portanto, buscou responder, à luz da liderança que individualmente personificaram.

Quando a Reforma Protestante resgata da mensagem do Evangelho de Jesus a possibilidade do homem relacionar-se diretamente com Deus, e isto através de conquista gratuita oferecida pôr Deus ao homem; as consequências deste fato na vida da sociedade se farão presentes tanto através do olhar de Lutero quanto de Calvino. Porém, enquanto Lutero desbravou na leitura bíblica e expôs os versos da Palavra de Deus que anunciavam o evangelho da justificação

pela fé - movendo indivíduos pessoalmente a Deus – não mais institucionalmente; Calvino observa estes indivíduos já agora em relação pessoal perante Deus, e sobre este fato escreve teologicamente - refletindo e descrevendo as possibilidades e compromissos das mudanças que diante deles surgem: as concernentes à vida em sociedade.

Dentro deste entendimento teológico acerca da criação do mundo e do ser humano, o teólogo João Calvino expõe as amplas possibilidades de vivência cristã ao professo reformado, perfazendo uma experiência religiosa dentro do mundo que resultará naquilo que Henri Hauser denominou de "secularização do sagrado" e, que, segundo Mcgrath, "envolia trazer toda a esfera da existência humana para dentro do âmbito da santificação divina e da dedicação humana." (2004, p. 250). Eis o aspecto relevante e fundamento da doutrina calvinista que oportunizou ao cristão protestante uma ação ativa no mundo, a qual irá se desenvolver enquanto ética de conduta através da crença da vocação – o chamado de Deus ao homem para uma vivência no mundo a partir dos propósitos do governo do Criador, e que se faz realidade social através do trabalho profissional do cristão.

Isto porque o reformador João Calvino irá refletir acerca deste momento virtuoso da criação original do homem, observando igualmente sob olhar positivo muitas de suas consequências – pois toda a vivência relacional do homem, bem como suas capacitações para um bom e eficaz existir da espécie na criação, são potencial e possibilidades a ele entregues originalmente pelo Criador. De tal forma que as humanidades desenvolvidas pelo ser em sua cultura e trabalho, não são

uma obra declarada malditas à luz do sagrado pelo calvinismo; em contrário, oportunizam uma devocional ação intra-mundana do homem, que já não a vivencia nem contra nem separadamente de Deus. Pois de Deus o homem recebeu a oportunidade e o talento para existir no mundo enquanto ser que constrói uma vivência criativa e rica em suas humanidades.

Portanto, segundo seu entendimento acerca da criação do homem é que João Calvino irá propor uma válida redenção de toda a vida social humana. "Contudo, o Calvinismo validava o mundo com a finalidade de dominá-lo, dirigindo-se às suas situações específicas, em vez de se deliciar em especulações abstratas." (McGRATH, 2004, p. 249). Ao observar esta proposta que concretiza a relação do homem com Deus dentro da sociedade, enxergamos nas conseqüentes ações cotidianas que lhe seguem, a edificação de uma conduta moral que se organiza a partir da religião. Na união deste conceito que abarca o mundo enquanto campo de fé e prioriza a sociedade para o exercício dos mandamentos religiosos, denotamos a origem de uma ética protestante especialmente ativa no mundo, já que "um código de ética, portanto, é uma explicitação dos princípios éticos de um grupo e sua aplicação prática na conduta do indivíduo no seio de uma determinada comunidade." (DE LIBERAL, 2002, p. 66)

Ética cotidiana a partir do chamado divino que se apresenta a nós tanto como orientação como também enquanto rumo vivencial: "É também nosso dever observar diligentemente que Deus ordena que cada um de nós leve em conta a sua vocação em todas as ações de sua existência." (CALVINO, 2006, p. 224)

Pois, enquanto uma ação de governo do Criador sobre a vida do homem através de sua providência, Deus deseja orientar a existência humana adiante dos muitos projetos vazios que podem levar à inquietação e insatisfação:

“Por isso, para que não compliquemos tudo por nossa temeridade e loucura, ele ordenou a cada um o que fazer, estabelecendo distinções entre posições ou estados e diversas maneiras de viver. E, para que ninguém ultrapasse levemente os seus limites, deu a tais maneiras de viver o nome de vocações.” (CALVINO, 2006, p. 225).

Assim, toda a vida terrena do homem, todos os seus papéis sociais e relacionamentos em cada situação e oportunidade de sua existência, coordenam-se à ação de providência pela qual Deus governa e mantém em curso a vida no planeta:

“É suficiente que saibamos que a vocação de Deus é como que um princípio e fundamento baseados no qual podemos e devemos governar bem todas as coisas (...) Além de tudo mais, se não tivermos a nossa vocação como uma regra permanente, não poderá haver clara consonância e correspondência entre as diversas partes de nossa vida.” (CALVINO, 2006, p. 225)

Calvino desenvolve os fundamentos acerca da vocação do cristão para a vida em sociedade em seu último livro das Institutas – IV, no capítulo 17, com o título Sobre a Vida Cristã. Importante resgatar que no capítulo anterior, ao versar

acerca do governo civil, e salientando que este se estabelece divinamente na comunidade dos homens através das ordenanças ao Estado Político, o reformador estabelece especial valor à vocação quando do estabelecimento deste governo civil segundo a providência divina; o qual se personaliza também a partir de um chamado de Deus aos homens: “Bem, há três partes. A primeira é o magistrado, que é o guardião e o mantenedor das leis. A segunda é a lei (...) A terceira é o povo, que deve ser governado pelas leis e obedecer ao magistrado.” Ainda acerca da relevância deste chamado vocacional ao homem para assumir a autoridade delegada por Deus ao Estado Político, afirma Calvino: “Não se deve, pois, ter a menor dúvida de que o poder civil é uma vocação não somente santa e legítima diante de Deus, mas também deveras sacrossanta e honrosa entre todas as demais.” (p. 145, 148, 150)

Conquanto em diferentes regimes de governo, um sobre todos os homens a partir dos governos civis e outro sobre os cristãos a partir da igreja, o sagrado chamado de Deus aos homens para assumirem suas posições na sociedade revela do uno princípio divino da vocação, iguais conseqüências sociais. Ao unir magistrados e príncipes a todo e comum trabalhador, Calvino resgata da bíblia a dignidade de todos os homens, orientando a todo ser um outro reconhecimento social, pois seu valor origina de perspectiva superior – o chamado de Deus ao homem para com Ele trabalhar no mundo: “Se seguirmos fielmente nosso chamamento divino, receberemos o consolo de saber que não há trabalho insignificante ou nojento que não seja verdadeiramente respeitado e importante ante os olhos de Deus.” (CALVINO, 2001, p. 77)

A perspectiva vocacional é o fundamento que permitirá ao homem participar conjuntamente da obra de Deus para a criação, quando então o homem se percebe em suas atividades cotidianas como um partícipe e co-agente do Criador, pois o agir de Deus a fim de bem governar e orientar a vida humana convoca os homens tanto a reconhecerem que d'Ele vêm suas aptidões quanto a se perceberem por Ele convocados a funções e atividades com propósito comum e dignificante: o de bem regular a vida dos homens em sociedade - obra constante de Deus à qual o homem é convocado a participar, nela atuando através de sua profissão: “Desse modo de entender e de agir nos resultará esta singular consolação: não há obra, por mais humilde e humilhante que seja, que não brilhe diante de Deus e que não lhe seja preciosa, contanto que a realizemos no serviço e cumprimento da nossa vocação.” (CALVINO, 2006, p. 225)

Segundo Calvino, este trabalho de Deus no mundo ao qual o homem se associa através de sua vocação, tornando-o digno em quaisquer atividades, necessita primariamente ocorra uma ação redentora de Deus em relação aos ideais do homem: “Pois bem, a ordem da Escritura da qual falamos consiste em duas partes. Uma visa imprimir em nosso coração o amor pela justiça (...). a Escritura tem muitas razões excelentes para inclinar o nosso coração ao amor pela retidão” (2006, p. 178) O padrão desta vocação enquanto missão conjunta e oriunda de Deus, claramente se estabelece: “Acresce que, para nos despertar mais vivamente, a Escritura nos demonstra que, assim como Deus em Cristo nos reconciliou consigo, assim também ele o constituiu em exemplo e padrão ao qual devemos amoldar-nos.” (CALVINO, 2006, p.179)

Daí aprendemos que precisamos converter a Deus e bem transformar o nosso coração e valores morais, pois nosso chamado é para trabalhar conjuntamente ao trabalho santo que Deus está fazendo – não se trata simplesmente de abraçar uma ocupação na ordem social e econômica a fim de que a sociedade progrida, mas sim, de assumir na comunidade dos homens a bendita ação que o Criador está realizando:

“Que fundamento seria melhor para começarmos do que admoestar-nos no sentido de que devemos ser santificados porque o nosso Deus é santo. (...) Por isso a Escritura nos ensina que esta é a finalidade da nossa vocação, finalidade à qual devemos estar sempre atentos, se queremos responder positivamente ao nosso Deus.” (CALVINO, 2006, p. 178, 179)

O segundo aspecto da ordem que Deus está a estabelecer no mundo social, conjuntamente aos homens, vocacionados que são a implementar certos propósitos divinos a partir de suas vidas profissionais; surge do princípio que afirma não devermos mais buscar “as coisas que nos agradam, mas as que agradam a Deus e que se prestam para exaltar sua glória. (...) Porque, quando a Escritura nos proíbe preocupar-nos particularmente com nós mesmos, não somente elimina do nosso coração a avareza, (...) mas também quer extirpar de nós toda ambição e apetite de glória humana e outros males ocultos.” (CALVINO, 2006, p. 185)

João Calvino procura instruir os homens acerca dos perigos que rondam a humanidade quando esta imagina poder associar-se a Deus a partir

somente de atos externos – sem transformação de caráter, imaginando serem os propósitos divinos possíveis de realizar a partir do natural esforço humano:

“O primeiro passo, é, pois, que nos afastemos de nós mesmos a fim de aplicarmos todas as forças de nossa mente ao serviço de Deus. Chamo serviço não somente o que consiste na obediência à Palavra de Deus, mas também aquele pelo qual o entendimento do homem, despojado de seus próprios sentimentos, converte-se inteiramente e se sujeita ao Espírito de Deus.” (2006, p. 184)

A vocação do cristão ao trabalho é um chamado com propósito de aprofundar e amadurecer o relacionamento do homem com Deus, por isso, a manutenção de nosso orgulho natural já de início impedirá reconhecemos que estamos, extraordinariamente, na presença do Criador. “Devemos notar que a abnegação ou renúncia de nós mesmos em parte visa ao bem dos homens, na verdade principalmente, visa à nossa relação com Deus.” Se não enxergamos o Criador quando de nosso chamado, menos ainda perceberemos o propósito social de nossa vocação. Pois ao nos tornarmos agentes de obras do governo divino sobre a sociedade dos homens, o que se requer é a derrocada de nosso orgulho para com Deus e o próximo, pois, caso contrário, as capacidades e bens a nós entregues pelo Criador nesse processo de associação secular jamais renderão os fins destinados à comunidade dos homens.

“Quão difícil é cumprir o dever de trabalhar pelo proveito do próximo! Se não deixarmos de lado a consideração

de nós mesmos e não nos despojarmos de todo afeto ou interesse carnal, não conseguiremos fazer nada nessa esfera. Porque como havemos de cumprir os deveres que o apóstolo quer que cumpramos com amor, se não renunciarmos a nós mesmos (...)" (CALVINO, 2006, p. 188)

Enquanto inicia o esclarecimento à boa e eficaz utilização das riquezas adquiridas através do labor profissional, Calvino ressalta o princípio base a ser visualizado e compreendido em sua essência superior a fim de prover o correto destino social às mesmas: "Ora, se os dons de Deus nos são finalmente santificados, após os havermos consagrado de nossas mãos, certamente se vê que é um abuso condenável negligenciar a referida consagração." (2006, p. 189). Não há vocação cristã sem consagração pessoal a Deus! O processo nem se inicia posto que a relação do que chama perante o que responde não acontece em seus passos primários. Quando o homem se presta entregar a Deus seu coração para a necessária transformação de caráter, enquanto visualiza e inicia a dedicação das riquezas alcançadas com seu trabalho, requer assim atue segundo um mesmo e supremo propósito: efetivamente associar-se ao Criador para então conjuntamente se unir à obra que Deus tem governado para com a sociedade dos homens – pois os dons de Deus somente são santificados após os havermos consagrado.

Isto porque é preciso estar disposto ao Criador de alma e corpo, a fim de que a relação moral perante os homens subsista integralmente a partir desta feliz edificação da relação espiritual do vocacionado junto de Deus. Pois a

vocação somente se realiza em processo de interação entre Deus e os homens. Portanto, processo espiritual em meio ao social, de intenção religiosa a edificar no mundo um estado e situação a partir do sagrado. É assim que a vocação cristã ao trabalho revela o cerne de sua existência: desde que a relação do homem diante do Criador mantenha a todo instante, a supremacia da Pessoa de Deus e seu controle sobre toda a relação vocacional proposta.

Segundo Calvino, “quando as riquezas dominam no homem, Deus é despojado de sua dominação.”. Mas, porém, “aquele que, obedecendo a Deus, não é escravo das riquezas, deles pode usar na fé.” (apud BIÉLER, 1990, 421, 417). A compreensão deste fato essencial e a resposta continuada do homem ao bem resguardar sua relação com a Pessoa de Deus, em sua consciência e vontade, proverá a oportunidade de bem demonstrá-la em sua realidade de consagração sacro-social, quando da dedicação dos bens ao proveito e necessidades comuns aos homens: “Visto, pois, que o bem que podemos fazer não pode subir a Deus, como diz o profeta, devemos praticá-lo em favor dos seus servos que vivem neste mundo.” (CALVINO, 2006, p. 189).

Antes de partirmos ao desenvolvimento primordial da conduta protestante concernente ao uso das riquezas em nossa realidade social – o bem comum da sociedade materializado no tocante ao próximo; importa recuperar em Calvino a origem de toda aptidão e bens do homem, pois da objetiva ação do Deus criador em seu governo de providência e sustento sobre os homens, reconhecemos e aprofundamos o entendimento da associação divina de nossa vocação. Segundo Biéler, “O desígnio de Deus, em nutrido o homem, não é

apenas prover-lhe às meras necessidades materiais. Visa a um fim espiritual. Através do sustento, Deus se faz conhecer à criatura, revela-se a ela como o Criador.” (1990, p. 410) Através do chamado a construímos com Deus seus propósitos na sociedade dos homens, somos instados a um necessário relacionamento íntimo em nossa alma e integral em nosso corpo e espaço social, exatamente porque Deus está se revelando e fazendo-se conhecido de nós conforme vivenciamos esta associação com Ele. Não há conhecimento de Deus nem de sua realidade a não ser que as experimentemos – e somente o faremos vivendo com Deus. Calvino: “Quando somos abastecidos de pão de que somos sustentados, de mister é que reconheçamos que isso nos provém da pura bondade de nosso Deus...” (apud BIÉLER, p. 410). Porém, a associação com Deus na vocação provê muito mais conhecimento de Deus do que somente o perceber de sua bondade.

Em verdade, Deus deseja adentrar a todos os recônditos da existência pessoal e social do homem a fim de manifestar não somente seu apreço por nosso estado atual de vivência neste mundo, mas especialmente, ir revelando e tornando conhecida em nossa realidade o que d’Ele podemos aguardar para a vida eterna:

“A bom direito, pois, o Profeta adverte aos fiéis de que recebem já certo fruto de sua integridade, quando Deus lhes propicia seu alimento, abençoa-nos na mulher e na prole, e condescende até o ponto de tomar-lhes cuidado da vida, mas louva ele a presente graça de Deus com esta intenção: fazê-los

correr mais alegremente à sua herança eterna.” (CALVINO, apud BIÉLER, p. 412)

A partir deste olhar à vida plena na eternidade com Deus é que se constrói em valor a atual associação que a Ele nos aproxima nossa vocação profissional: “Entrementes, que Deus nos chama diretamente para com o céu e nos eleva o espírito para com a vida espiritual, que aquilo que São Paulo nos diz nos basta, a saber, que não somente a esperança da vida vindoura, mas também da vida presente, dada nos é para o temor de Deus, ou a piedade.”(CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 413) O real temor a Deus somente irá se edificar em nossa alma a partir do instante quando mais integralmente com Ele nos relacionarmos, o que muito se dará a partir da necessária consagração de nossa vida material a que convoca nossa vocação. Este é o chamado divino que igualmente viveremos de forma digna, somente a partir do conhecimento da honra devida a Deus pelo que clama nossa associação a seus desígnios.

Portanto a vocação cristã faz-se o desafio que busca estabelecer na vida profissional do homem este senhorio de Deus, tendo em vista o amadurecimento de seu ser, oportunizando tanto ensino de humildade para com Deus quanto de quebrantamento do orgulho visando seu relacionamento com o próximo: “Se desejamos refrear nossas paixões, devemos recordar que todas as coisas nos têm sido dadas com o propósito de que possamos conhecer e reconhecer o seu autor.” (CALVINO apud HERMINSTEN, 2006, p. 71)

Somente a consagração do coração do homem a Deus é que proverá a renovação de seu caráter rumo aos propósitos divino prescritos à sua conduta cristã na sociedade. Por isso, o Criador institui o sábado, o descanso do homem, a fim de que ache em sua agenda tempo de relacionamento com Deus – o qual lhe será por oportunidade de transformação: “Os fiéis devem descansar de suas atividades próprias a fim de deixar Deus neles agir.” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 516). Conquanto não estejamos ainda a tratar diretamente das práticas morais com que o homem deverá reger suas relações econômicas, visualizamos já fruto prático do Sábado de Deus no cotidiano dos homens, pois ensina aos patrões que todo homem requer se reconheça seu tempo de descanso. É Calvino quem identifica tal valor transformador da sociedade, conforme o Criador quis nos oferecer: “Quis Ele dar um dia de repouso aos servidores e à gente que trabalha que estão sob poder de outrem (...) a fim de que aos servidores e operários seja dada folga de seu labor.” (apud BIÉLER, 1990, p. 518).

“Portanto, para nos orientarmos na prática do bem e das ações humanitárias, adotemos esta norma: de tudo o que o Senhor nos deu com o que podemos ajudar o nosso próximo, somos despenseiros ou mordomos, sendo que teremos que prestar contas de como nos desincumbimos de nossa responsabilidade.” (CALVINO, 2006, p. 189).

Em compreensão ao modo como o senhorio de Deus se estabelece na relação do cristão concernente ao uso das riquezas, volvemos nosso olhar ao ensino da mordomia cristã. Deste conhecimento localizado acerca da doutrina da

Soberania de Deus enquanto regência de nossa relação de submissão diante d'Ele, é possível extrair entendimento para visualizar os reais destinos atuais de nossa vocação profissional para com a sociedade dos homens.

O conceito calvinista de mordomia cristã é o aspecto doutrinário que identifica nossas riquezas dentro da obra maior que Deus realiza no mundo. De um lado, portanto, reconhecemos a autoridade e governo de Deus sobre as riquezas em nossas mãos. Calvino:

“Quando Deus nos envia riquezas não renuncia à sua titularidade, nem deixa de ter senhorio sobre elas (como o deve ter) por ser o Criador do mundo. (...) E ainda que os homens possuam cada um sua porção segundo Deus os tenha engrandecido mediante os bens deste mundo, não obstante ele sempre continuará sendo o Senhor e Dono de tudo.” Um soberano senhorio divino sobre as riquezas em nossas mãos que requer, para sua efetivação, associemo-nos com Deus através da consagração: (CALVINO apud BIÉLER, p 419)

“A que propósito, então, quer nosso Senhor que Sua Igreja seja excelente acima de todo o mundo? É a fim de que domine Ele só e tenha toda a preeminência (...) E por isso impõe-se diligentemente notar este fim, onde ele diz: Tu lhes consagrarás as riquezas ao Senhor.” Isto se faz aguardando com os bens em mãos até que Deus bem nos oriente acerca de seu destino, pois a partir de uma existência em estado natural de pecado, o homem somente se associa a Deus através da mediação de Cristo – aqui realizada através do ouvir do homem a

ordem de Deus e então sair à prática na força de Seu Espírito. É mister compreender que sem este ato de religação a Deus, a consagração sequer inicia, resultando assim que o homem faz uso próprio de seus bens, negando então todo o relacionamento a que propõe sua vocação.

Por isso, de outro lado, a mordomia cristã não somente avisa-nos que Deus é o dono do que adquirimos, mas implementa o completo propósito divino ao nos instruir acerca do correto e bom uso sagrado dos bens que fez Deus chegar em nossas mãos. Calvino:

“Nada possuo senão da mão de Deus; e onde haja eu de ver falta ou indigência, impõe-se que, segundo minha possibilidade, socorra eu aos que se acham em necessidade (...) que ninguém seja tido como separado, antes, pelo contrário, que saibamos que Deus misturou os ricos e os pobres, uns por entre os outros, a fim de que tenhamos ocasião de fazer o bem.”
(CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 419)

Resultando em que, na visão calvinista conforme Biéler, “consagrar a riqueza a Deus é pô-la a serviço do próximo”.

Conscientes de que somos depositários dos bens de Deus em tudo que nos chega às mãos, volvemos nosso olhar para uma redenção que o Criador deseja fazer no mundo, iniciando no coração do cristão, mas com vistas à ordem social: Calvino assevera: “Segundo o Evangelho, todo ser é promovido à liberdade espiritual pela Redenção de Jesus Cristo, e esta liberdade deve expressar-se

também na condição política e social da pessoa humana.” O propósito de Deus observa a ordem social como um organismo que irá abençoar, regendo sua existência tanto a partir do Estado como igualmente a partir da Igreja e dos cristãos: “Em permanecendo fiel ao Evangelho (..) não cessa a Igreja de exercer seu ministério de regeneração da sociedade.” (apud BIÉLER, 1990)

Esta perspectiva é essencial ao entendimento da vocação ao secular que Deus orienta aos cristãos, pois a intenção não é apenas bem fazer progredir o relacional comum dos homens, mas sim, manifestar a vontade e valor de Deus à sociedade enquanto organismo comum de vivência da humanidade.

Quando o homem adentra às relações sociais enquanto um subordinado de Deus convocado a com seu labor e riquezas construir uma sociedade organizada, isto significa não somente que a faça progredir, mas sim, exemplarmente, que a edifique em sua estrutura a tornar-se o que Deus lhe idealizou enquanto organismo – um estado de vivência solidária para o bom proveito de todos os homens que lhe participam:

“Ainda mais, a indústria com que exerce cada um seu cargo, e a própria vocação, a capacidade de bem dirigir, e outras graças, são como mercadorias, porquanto o fim e o uso lhes é que haja natural comunicação entre os homens.” – “(...) nasceram os homens uns para os outros, que devem manter mútua comunicação entre si para a preservação do gênero humano.” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 316)

O conselho de Deus é que as riquezas sejam de tal maneira relacionadas à vida de todos os homens para seu comum bem, de forma que verdadeira solidariedade social se estabeleça entre eles – eis o propósito de integração social das riquezas, à luz da mordomia cristã enquanto seu viés secular, quando do chamado vocacional ao homem para que atue dignamente junto a Deus em seu modo de vida: Calvino: “Esta é a fonte de que todo o resto depende, a saber, que esteja cada qual contente com sua vocação, que a siga, que não esteja inclinado a buscar outra. Vocação no Espírito significa um estado e maneira de viver legítimos (...).” (apud BIÉLER, 1990, p. 348)

Calvino, ao descrever o alvo final da obra de redenção de todo o mundo, reflete acerca do fim dos estados atuais de organização do cosmos; isto ocorrendo somente porque na eternidade não mais haverá corrupção das relações humanas. Nisto refletir, apresenta igualmente a amplitude e propósito do atual projeto de Deus para a sociedade: “os poderes legítimos e ordenados de Deus não mais terão razão de ser e serão supressos, assim como todas as desigualdades sociais.” (apud BIÉLER, 1990, p. 352) Nesta final ocasião, em que os propósitos de redenção da criação serão integralmente visualizados pelos homens, ocorrerá igualmente a essência relacional que Deus tem propósito de fazer ver ao homem desde já quando de seu instituir do chamado à vocação secular do cristão. Calvino: “Assim, confundir-se-ão a Igreja e a sociedade, todos terão reencontrado seu verdadeiro fim: viver para a glória de Deus em Sua comunhão e sob Seu domínio.

“Da própria ordem da criação aprendamos que Deus opera por meio de Suas criaturas.” (apud BIÉLER, 1990, p. 353, 308 – 309) Quando o homem descobre que suas aptidões e oportunidades são tanto governadas pelo Criador, quanto igualmente estão a serviço dos propósitos divinos; visualiza então, no seu pessoal e específico chamado à vocação secular, a maneira efetiva em que irá partilhar do governo de Deus perante a criação.

Acerca desta integração do trabalho do homem à obra de Deus no governo da sociedade, esclarece Calvino: “Se, pois, a providência de Deus incorpora em sua operação as causas segundas da própria natureza, com razão quão mais forte associará à obra do homem, estabelecendo-lhe real responsabilidade.”

“Observa-se quando os homens trabalham, observa-se quão diligentes sejam, se tem expediente e habilidade, a isso se observa (...). Ora, a tudo isso responde Moisés, dizendo: ainda que trabalhem os homens, que se esforcem (...) nada há para que Deus seja privado de Sua honra. E por que ? Quem é que aos homens dá a prudência, a destreza do corpo, a força para trabalhar, as aptidões, e os meios, não é Deus que tudo põe em suas mãos?” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 522)

Assim, é mister perceber que o homem que se reconhece recebendo do Criador os bens que conquista, convocado ainda ao dever de assumi-los em mordomia e cuidado, e devendo movimentá-los no projeto de construção de uma sociedade digna de Deus; tais tarefas efetivamente realizará na sociedade, ao

passo que observe ser em seu trabalho e nas relações econômicas a ele inerentes que tal chamado divino deve-se bem construir: “Se a providência de Deus usa a atividade do homem, determinando-lhe o trabalho – a obra do homem sendo um dos instrumentos do grande labor de Deus (...).” (BIÉLER, 1990, p. 311) Tal perspectiva de ministério ressalta Calvino aos homens quando lhes orienta acerca da responsabilidade de seu trabalho diário: “Assim, pois, lembre-se cada um de que foi criado por Deus a fim de trabalhar diligentemente e de entregar-se à sua tarefa (...).” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 522)

O trabalho profissional do homem e sua atuação econômica na sociedade são assim interligados ao governo de Deus para bem ordenar toda a criação – aqui identificada em seu aspecto de organização da comunidade dos homens. Quando o homem apreende esta benigna realização de Deus na criação e, submisso ao Criador atua socialmente conforme os valores e propósitos divinos, então trabalha respondendo eficazmente à sua vocação, abandonando o ato de trabalhar que tem valor em si próprio e que tanto afasta o homem de Deus quanto de suas benesses divinas distribuídas em todo este projeto. Biéler: “Na medida em que o trabalho toma o lugar de Deus, absorve toda a existência (...) está ele voltado ao fracasso (...). Na medida, ao contrário, em que o trabalho é relacionado com Deus, na fé e na obediência, é ele acompanhado de bênção.” (1990, p. 527) Quando o homem adentra sua vida secular e assume suas funções de trabalho, enxergando a realidade do que Deus está construindo e associando-se a Ele de forma integral, então observará que seu labor, simples que seja no cotidiano, assumiu realidade nova, provendo-lhe ainda satisfação outra. Calvino: “Em

contraposição, aqueles que descansam no Senhor são assegurados de que seu labor prosperará, pois que deles se diz: a bênção do Senhor está sobre as mãos daquele que trabalha (Salmo 127).” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 527)

Ao trabalhar em seu cotidiano social perante Deus e a partir de seus mandamentos obrar valores de solidariedade à economia humana, o homem irá submeter aos propósitos do Criador a esfera em que atuar, provendo à comunidade dos homens, então, seu fim destinado. Calvino: “É a este domínio sobre a natureza e a soberania sobre a matéria que deve tender todo o labor da sociedade (...) a que fim são produzidos frutos de tantas espécies (...) senão para uso e conforto de todos os homens.” (apud BIÉLER, p. 313). O chamado do homem ao trabalho somente será real vocação de Deus quando sua obra prática vincular-se do início ao fim aos conselhos e destinos que o Criador está constantemente governando em meio à sociedade dos homens – a assistência ao próximo, o bem comum de todo homem. Calvino: “E daí coligimos a que fim foram todas as coisas criadas: é que nada falte aos homens, em todas as situações e passos de sua vida.” (apud BIÉLER, p. 314)

“Eis, ademais, em que condição Deus põe os bens na mão dos ricos: é a fim de que tenham oportunidade, e recurso também, para vir em ajuda ao próximo que esteja em necessidade. Em suma, esta humanidade deve ser guardada entre nós, que aquele que dispõe de quê, de sua abundância, prodigalize ao próximo; embora não haja aqui uma taxa ou tributo, impõe-se que pense cada qual que é sob esta condição

que Deus lhe deu trigo e vinho, que deles dê liberalmente àqueles que deles tem falta e carência (...) Eis, pois, uma equidade que Deus aqui infunde, a fim de que saibamos que, se Deus nos deu bens que excedem à nossa utilização, não devemos ser excessivamente avaros quanto a eles, pelo contrário, que todos quantos deles carecem sejam, de qualquer forma, aquinhoados.” (CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 429)

No propósito de não deixar dúvidas acerca do significado da vocação em exercício de fé no trabalho profissional, mesmo após explicitar a relação de mordomia às riquezas, bem como o alvo de seu uso para salvaguarda da existência dos homens; Calvino particulariza em meio à sociedade os papéis e funções que o governo de Deus está gerenciando na vida do homem, a fim de tornar clara e indubitável sua real intenção ao convocá-lo como servo seu ao mundo: “Ensinados que somos que os ricos receberam maior abundância, com esta condição, que sejam ministros dos pobres, a dispensarem os bens que foram postos nas suas mãos pela bondade de Deus.” – Biéler desenvolve o que Deus define acerca da função de seus vocacionados assistentes, bem como esclarece sobre o propósito da gerência que lhes designou: “Estes termos, ministro, lugar-tenente, oficial, ressaltam bem, de um lado, o regime de mútua comunicação dos bens materiais que Deus tem o propósito de estabelecer entre os homens no seio da sociedade (...)”. (1990, p. 429)

A expressão que Calvino utiliza aos chamados por Deus a servi-Lo em suas vidas profissionais, bem revela o entendimento de conduta que pretende ensinar quando desenvolve esta doutrina da vocação – ministros dos pobres os chama:

“Ensinados que somos que os ricos receberam maior abundância, com esta condição, que sejam ministros dos pobres, a dispensarem os bens que foram postos nas suas mãos pela bondade de Deus.(...) Todos os ricos, então, quando tem o que de que fazer o bem, certo é que aí estão como oficiais de Deus e que fazem o que lhes incumbe, isto é, ajudar o próximo na vida.”
(CALVINO apud BIÉLER, 1990, p. 429).

Calvino: “Ainda que tenhamos toda sorte de bens em grande abundância, não temos, entretanto, nada senão pela só bênção de Deus, uma vez que só ela nos ministra tudo o de que temos necessidade.” (apud BIÉLER, 1990, p. 430). Ao cristão cabe refletir acerca da origem divina dos talentos pessoais que lhe oportunizam certa profissão, bem como do gerenciamento dos ganhos que com estes adquire, pois Deus está lhe definindo o que importa e lhe é essência de conduta a fim de participar junto ao Criador do governo em providência humanitária que propôs ao homem partilhar. Calvino: “Para bem servir a Deus, e resistir a Satanás, aprendamos a contentar-nos cada um com a sua medida; e os que são ricos reflitam que tem obrigação muito maior, e que terão de prestar contas dos bens que Deus pôs em suas mãos.” (apud BIÉLER, 1990, p. 432)

“Pôr o coração nas riquezas significa mais que simplesmente cobiçar a posse delas. Implica em ser arrebatado por elas a nutrir uma falsa confiança. (...) É invariavelmente observado que a prosperidade e a abundância engendram um espírito altivo, levando prontamente os homens a nutrirem presunção em seu procedimento diante de Deus, e a se precipitarem em lançar injúria contra seus semelhantes. Mas, na verdade o pior efeito a ser temido de um espírito cego e desgovernado desse gênero é que, na intoxicação da grandeza externa, somos levados a ignorar quão frágeis somos, e quão soberba e insolentemente nos exaltamos contra Deus.”
(CALVINO, O Livro dos Salmos, Vol. 2, p. 580)

Calvino preocupa-se especialmente com as regras que deverão direcionar o uso dos bens terrenos disponíveis às mãos dos homens. Reconhece que bons servos de Deus, em observando o mau uso e desperdício ao seu redor, “querendo corrigir tão grande mal, proibiram aos homens o uso de bens materiais, a não ser em caso de real necessidade.” Nesta atitude, porém, afirma o reformador, “ataram as consciências muito mais apertadamente do que as obriga a Palavra de Deus.” (CALVINO, 2006, p. 219).

Por isso mesmo, ao refletir acerca da boa utilização dos bens terrenos, Calvino irá traçar alguns princípios que julga bom fundamento de ascese no tocante às riquezas: “O primeiro princípio a considerar é que, se os dons de Deus são dirigidos ao mesmo propósito para o qual foram criados e destinados, não podem ser utilizados equivocadamente.” (CALVINO apud HERMINSTEN, 2006, p.

103). Buscar o equilíbrio que o próprio Deus nos oferta, em sua sabedoria superior que é distinta da nossa para regular esta noção, sempre foi o parâmetro de Calvino. Pretendeu sempre ordenar sua reflexão e propor conduta relativa a qualquer situação dentro dos limites do que a Palavra de Deus expõe ao homem. O equívoco, portanto, está no uso distorcido, corrompido, mas jamais, ao uso próprio de cada bem e fruto que tivermos em mãos:

“O primeiro ponto que se deve adotar é que o uso dos dons de Deus não é mau se limitar ao fim para o qual Deus os criou e os destinou, visto que os criou para o nosso bem, e não para o nosso mal. (...) Ora, se considerarmos o fim para o qual Deus criou os alimentos, veremos que ele não só quis prover à nossa necessidade, mas também ao nosso prazer e recreação.” (CALVINO, 2006, p. 219)

Calvino orienta ao homem este equilibrado bom governo dos bens e frutos que tem à disposição em seu cotidiano. Quão distante está da visão comum religiosa que propõe determinada ascese a distorcer a relação do ser humano com as coisas da criação e obras materiais do homem, desprezando assim tanto a natureza de um como do outro. Calvino:

“Deixemos de lado, pois, essa filosofia desumana que, não concedendo ao homem nenhuma utilização das coisas criadas por Deus, a não ser por sua real necessidade, não somente nos priva sem razão do fruto lícito da benignidade divina, mas também, quando aplicada, despoja o homem de todo

sentimento e o torna insensível como uma acha de lenha.” (2006, p. 220)

Duas preocupações revelam os limites da reflexão de Calvino na busca do equilíbrio que Deus indica ao homem no trato com os bens terrenos: o exagerado resguardo de uso através da proibição de qualquer sensação e prazer, próprios que são à situação que se deseja regrar; bem como, o uso desmesurado que pode revelar dependência e também redundar em desperdício impedindo ao alcance dos propósitos de Deus. Calvino:

“Ainda que a liberdade dos fiéis com respeito às coisas externas não deva ser limitada por regras ou preceitos, sem dúvida deve regular-se pelo princípio de se regalar o mínimo possível (...) devem estar longe da intemperança! - ,e guardar-se diligentemente de converter em impedimentos as coisas que se lhes têm dado para que lhes sirvam de ajuda.” (apud HERMINSTEN, 2006, p. 56).

Igual e fundamental atitude teve Calvino para com a usura – buscando regrar atos extremos ou desprovidos de valor, governando-os para bom fim. Em observando o reformador que a neutralidade ou o amaldiçoar dos empréstimos a juros não refletia o ensino de Deus, desenvolveu o princípio da utilização do capital a fim de gerar progresso econômico, permitindo-o em medida razoável como associação entre o investidor e o trabalhador – jamais visualizando a profissão de usurário, mas sim, a possibilidade de que este empréstimo ocorresse e viesse a partilhar os lucros do empreendimento. Assim esclarece Wallace,

negando ao calvinismo um espírito capitalista, afirmando serem outros os seus propósitos: “Certamente, ele aprovava o desenvolvimento do comércio e ele esclarecia os pensamentos confusos dos homens a respeito do assunto da usura.” (2203, p. 84.)

De tal forma que toda “ajuda” divina através dos bens terrenos visa promover, tanto o conhecimento da Pessoa e propósitos de Deus para a vida eterna do homem; quanto ainda, servir literalmente de ajuda ao próximo – objetivo direto material de uso dos bens terrenos no tempo atual, e por isso, caridade a se resguardar pelo uso profícuo dos bens e riquezas.

“Portanto, ao fazer o bem a nossos irmãos e mostrarmos humanitários, tenhamos em mente esta regra: que de tudo quanto o Senhor nos tem dado, com o que podemos ajudar nossos irmãos, somos dispensadores; que estamos obrigados a dar conta de como o temos realizado; que não há outra maneira de dispensar devidamente o que Deus pôs em nossas mãos, que se ater à regra da caridade. Daí resultará que não somente juntaremos ao cuidado de nossa própria utilidade a diligência em fazer o bem ao nosso próximo, senão que, inclusive, subordinaremos nosso proveito ao dos demais.” (CALVINO apud HERMINSTEN, 2006, p. 55)

Ao finalizar este tópico da dissertação e em bom esclarecimento deste que é o principal texto da pesquisa, pois busca revelar os elementos e a unidade de associação que João Calvino visualiza ao descrever os valores de conduta do

cristão em sua atuação na sociedade – a ética protestante calvinista; refletimos: a vocação do homem diante de Deus percebida como um chamado a bem conhecer Seu Criador e assim junto dEle trabalhar na obra divina dentro do mundo; o dever e a responsabilidade declarados ao homem a fim de que possa bem assumir este privilégio e oportunidade, tanto para a edificação de sua relação com Deus, quanto para trazer satisfação à sua existência atual; a devoção enquanto lema no tocante ao que homem alcance seu objetivo, a se realizar em conscienciosa atuação no trabalho, bem como no uso regrado e destino devido que der às riquezas que possa ali adquirir; e finalmente, à boa ordenação deste chamado santo do Criador a fim de que, sim e verdadeiramente, toda sua vida e momento adentrem à este plano magistral de bênção atual do mundo - ao qual o homem foi convocado não somente a ver e experimentar, mas especialmente, a junto de seu Senhor realizar: tornar solidária a humanidade a fim de que todo ser possa ser abastecido por tudo que Deus tem derramado e provido aos homens a fim de que subsistam dignamente no planeta. Eis assim, os argumentos básicos e valores fundamentais de João Calvino a fim de propor ao cristão uma atuação religiosa em meio à sociedade – A Ética Protestante no Pensamento de João Calvino.

“Quando o Senhor nos abençoa, também nos convida a seguirmos seu exemplo e a sermos levados para com o nosso próximo. As riquezas do Espírito não são para serem guardadas para nós mesmos, mas sempre que alguém as recebe deve também passá-las a outrem. Isto deve ter uma aplicação especial aos ministros da Palavra, mas também uma

aplicação geral a todos os homens, a cada um em sua própria esfera.” (CALVINO, 2006, p. 221)

“Porém, Calvino percebeu que no período de desenvolvimento comercial até a maior generosidade pessoal não poderia garantir o bem-estar do pobre. (...) As ordenanças que Calvino dispôs em 1541 falam do “hospital comunitário” que devia ser “bem mantido”, com comodidades disponíveis para o doente e para o ancião que eram incapacitados de trabalhar, com uma ala bem separada para as viúvas, para as crianças órfãs e outras pessoas pobres e com um abrigo para viajantes. Além disso, “seria necessário também, tanto para os pobres no hospital, quanto para aqueles que estavam na cidade que não tinham meio de sobrevivência, que um médico e um cirurgião fossem especialmente nomeados às expensas da cidade.” (WALLACE, 2003, p. 82)

No terceiro e findo tópico desta dissertação, serão desenvolvidas certas doutrinas e conceitos teológicos de João Calvino, a fim de que toda conduta orientada neste capítulo enquanto edificação de uma ética protestante seja adequadamente compreendida dentro da necessária estrutura teológica sistematizada pelo reformador.

4 DOUTRINAS E CONCEITOS TEOLÓGICOS

4.1. A GLÓRIA DE DEUS

"É muito importante estarmos consagrados e dedicados ao Senhor, pois isso significa que pensamos, falamos, meditamos ou fazemos qualquer coisa tendo como motivo principal a glória de Deus." (CALVINO, 2001, p. 29)

Dedicar o homem a Glória devida ao Criador dos céus e terra faz-se o princípio supremo do ensino da Palavra de Deus para Calvino, o qual ele admoesta aos homens a fim de que compreendam e então celebrem corretamente. Embora a orientação surja em simplicidade de proposta e certa clareza de prática, o fato de que toda a vida em qualquer situação e todo sentimento em qualquer profundidade deverá ter por alvo tal celebração, faz deste propósito um mundo de complexidades. O desafio de Calvino enquanto teólogo e pensador cristão foi o de compreender tal assertiva bem como de pronunciá-la aos homens, orientando-os devidamente acerca de como experimentá-la em todos os aspectos de sua existência. Perceber a amplitude de seu alvo enquanto pensador e escritor, e reconhecer que os resultados são considerados satisfatórios diante da academia teológica cristã, dá-nos parcial idéia do valor de seus escritos e reflexões. Que assim façamos sem esquecer que o princípio que desejou ministrar também é o princípio que o orientou a viver, e a escrever. Sempre!

Enquanto exposição da Verdade de Deus revelada na Bíblia, sua obra *As Institutas da Religião Cristã* apresentam inicialmente o tema do conhecimento de Deus e do homem, os quais são relevantes à realidade humana dentro da reflexão calvinista. Neste processo, *dedicar a Glória somente a Deus* poderia ser o título geral desta sua obra, pois o raciocínio do autor observa a razão da vida do homem a partir de uma vivência somente debaixo da vontade e dos desígnios de Deus. Quando a humanidade não permanece na presença de Deus nem na prática de seus princípios e ao desenvolvimento de seus propósitos, perdida e em engano existencial se encontra.

Desenvolvendo este aspecto – *Soli Deo Gloria*, enquanto tema aparente orientador da exposição da verdade de Deus, Calvino irá escrever sua obra de teologia organizada através de Quatro livros que compõe a edição definitiva das *Institutas*, em 1559. Primordialmente, já o primeiro assunto do livro I, procura visualizar toda a percepção humana a partir da observação primeira à Pessoa de Deus, o Criador. "A sabedoria verdadeira e substancial consiste quase inteiramente em duas coisas: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos." (CALVINO, 1984, p. 23)

Ao propor certa singularidade ao ser humano, enquanto aquele que deve ser conhecido, como também aquele que irá conhecer a Deus, Calvino não retira de Deus a centralidade ou a Glória. Ao contrário. Em verdade, a compreensão de quem somos nasce do encontro com Deus, diante de sua Criação ou Palavra revelada, a partir daí, então, apreendemos nossa verdadeira realidade – a de seres humanos enquanto criaturas de Deus.

A partir desta realidade primeira, enquanto criaturas é que devemos enxergar Deus, e somente o conheceremos além desta limitação naquilo em que Ele desejar nos revelar – somos dEle dependentes: "Calvino insiste que a verdadeira sabedoria se encontra no conhecimento de Deus e de nós mesmos: é através do reconhecimento da nossa condição de pecadores que descobrimos que Deus é nosso Redentor." (2004, p. 11), assim expõe Alister MacGrath, em sua obra: *A vida de João Calvino*.

Ultrapassar este olhar e encontrar a realidade do Criador, porém, somente será possível segundo determinação própria de Deus: faz-se assim necessária a mediação de Jesus Cristo bem como o agir do Espírito de Deus no homem. Este projeto essencial da religião cristã será tema de descrição no tópico próximo – a ação de Deus enquanto Salvador do homem. Após ser iluminado pelo agir de Deus em sua mente e coração, e capacitado agora a compreender a Palavra bíblica pela imprescindível Graça do Criador, é que terá o homem o conhecimento da Pessoa divina e de suas verdades em boa realidade.

Esta mediação de Cristo que livrará o homem de seu estado alienado de Deus, conforme aprendemos quando o Criador assim nos revela; é uma religação do homem a Deus que Calvino explora em seu livro segundo – quando nos dá a conhecer a obra do Senhor dos céus como Redentor dos homens.

Esta realidade acerca de quem somos e de como podemos conhecer a Deus, nos é ensinada por Ele mesmo, em conhecimento crucial que revela acerca de nossa pessoa. Portanto, a possibilidade de real conhecimento de Deus e a

oportunidade de uma existência humana tanto satisfatória quanto mais verdadeira - porque original em relação à vontade de Deus, são tanto um propósito quanto uma realização de Deus ao homem. Pois é o Criador que vêm ao homem revelar o quão distante está dos céus e também promover a reconciliação. Trata-se do Deus que volve sua face ao homem e o destina a tais possibilidades, em muito, então, valorando a vida humana. Deus é um humanista – e assim o serão os cristãos. "O humanismo de Calvino, no entanto, não deve ser confundido com o "humanismo secular", que colocava o homem como centro de todas as coisas. Calvino rejeitava este tipo de "humanismo". Na sua obra Magna, A Instituição da Religião Cristã, Calvino expressa sua concepção "humanista", que consiste em reconhecer a grandeza do homem, como criatura de Deus, a Quem deve adorar e glorificar." (HERMINSTEN, 2004, p. 97)

Assim, a legitimidade do ser humano no conhecimento de Deus e de si mesmo encontra sua base de comparação, e de real conhecimento, em Deus somente. Pois é de Deus a boa iniciativa, bem como dEle é a verdade. Jamais é verdade nem sabedoria acerca de Deus que o homem obtém a partir de si mesmo. Neste processo em que o homem precisa submeter-se a Deus para então iniciar o vislumbre de quem é Deus, e quem é o homem verdadeiramente, encontramos a perspectiva prática do lema - Glória a Deus: Submeter-se ao Criador em todo pensamento e entendimento, ainda que este conhecimento venha a ser pelo homem apreendido, manifesto e vivenciado – isto é dar Glória a Deus!

Os livros seguintes, III e IV das Institutas, permanecem desenvolvendo em coerência bíblica a perspectiva suprema de tudo e todos para

a Glória de Deus, segundo visão que desejamos aqui reconhecer. Isto porque argumentam e expõe acerca da maneira como a Vida de Deus chega aos homens e também à sociedade humana. Um Reino de iluminação à Verdade e Presença de Deus tanto quanto um Reino de Comunhão à Vida plena de Deus para os homens – os temas da Igreja e da Vida do cristão no mundo.

Desde o livro III, ao explicar e perceber a presença de Deus na vida humana a partir das doutrinas da Fé, Justificação e Santificação, descrevendo como Deus em Seu Espírito visita o homem através de Cristo e transforma seu ser – até no livro IV em que apresenta a Igreja de Jesus como a instituição que organiza, desenvolve, oferta e regula esta comunicação religiosa que irá se estabelecer e avançar em abençoar toda a sociedade; João Calvino mantém-se fiel em descrever uma existência humana satisfatória somente enquanto dependente da Pessoa e Plano de Deus – é dádiva inicial que se desenvolve e será concluída a partir de Deus somente. Glórias a Ele!

Isto porque é Deus que tanto ensina sua verdade ao nos iluminar, quanto dá ao homem um encontro com Ele ao vir nos buscar. Deus é quem capacita o homem a entender e transforma-o para em nova realidade viver. Esta é sua obra – vida aos homens através de Sua Igreja. Tudo entre os homens, para os homens, nos homens e, a partir dos homens - no sentido de que não apenas recebem a Deus e se fazem seus filhos, mas também, porque transmitem tal conhecimento de Deus à criação e toda criatura.

Todo este decreto de Deus que apresenta vida plena à humanidade cristaliza-se nesta proposta de submissão do homem em dependência a Ele. Sempre! É, portanto, uma convocação para que a humanidade declare Glória a Deus. As criaturas que enxergam o seu Criador são convocadas a honrá-lo com a devida posição de Senhor sobre suas vidas – somente assim receberão dEle o que lhes está proposto. E se o assunto é vida, e vida dos homens, entre os homens; é a estes que se faz o desafio de não mais viverem a partir de si nem algo qualquer, mas a partir de Deus. Em tudo e sempre. Portanto, somente seremos cristãos quando nos volvermos existencialmente a rever toda vida a partir da Pessoa e Palavra de Deus. Então, tudo que for construído em vida saberemos que dEle foi originado – Glória a Deus!

A vocação do cristão ao trabalho profissional está debaixo deste princípio totalitário que purifica e dá entendimento a todo verso da Palavra de Deus – o homem que desejar vivenciar esta relação vocacional precisa submeter-se integralmente: "Se pertencemos ao Senhor, deixemos que cada parte de nossa existência seja dirigida por Ele. Esta deve ser nossa meta suprema." (CALVINO, 2001, p. 30)

Enquanto obra que expõe todo o conhecimento de Deus adquirido na Bíblia, as Institutas de Calvino se regulam e desenvolvem através de quatro temas que expressam em seu título e significado, esta perspectiva de um Deus Soberano e providencialmente ativo, iniciando e desenvolvendo na vida dos homens os seus conselhos – sempre a fim de manifestar a sua verdade, dando suporte assim a que tudo lhe seja em gratidão e Glória.

. O Livro I desenvolve a Pessoa de Deus Pai enquanto Criador e Senhor da Providência; o Livro II, o Deus Filho e a obra de Redenção; o Livro III, o Deus Espírito Santo e a obra da redenção na pessoa do homem; e o Livro IV, a Igreja de Cristo enquanto comunidade reunida diante de Deus e seus propósitos para a sociedade dos homens. (McGraph, Alister. A vida de João Calvino. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 178).

4.2. A SOBERANIA DE DEUS

“(...) Seguros também de que o trono de Deus não é somente trono de majestade, mas também de Sua graça, podendo nós comparecer (mos) perante ele com toda a confiança e ousadia, em nome do Mediador e Intercessor, para rogar misericórdia e encontrar graça e ajuda, em toda necessidade que tivermos.” (CALVINO apud HERMINSTEN, 2006, p. 145)

A peculiar cosmovisão de João Calvino referente às relações entre Deus e a criação, Deus e o homem, e também entre o homem e a Criação é que irão projetar a perspectiva de local e situação ao chamado vocacional do homem. E é a partir deste entendimento que surgirá o diferencial acerca da proposta de conduta de fé delineada aos cristãos, segundo o reformador. Neste aspecto

fundamental, desenvolver a doutrina da Soberania de Deus irá nos revelar tal assertiva: Reconhecer que Deus é Soberano sobre todo o Universo e ser vivo, requer atentemos aos atos dEle em toda a Criação – Deus enquanto Criador de tudo; Deus enquanto Governador de tudo; e, Deus enquanto Redentor – salvando toda a criação do pecado. De tal forma que render-se à Soberania de Deus prescinde que conheçamos melhor o Criador em suas Obras perante todas as coisas e seres.

"A sabedoria verdadeira e substancial consiste quase inteiramente em duas coisas: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos." (CALVINO, 1984, p. 23). O método filosófico de Calvino a fim de que adquira conhecimento do homem e da criação origina em Deus – a partir dEle recebe o homem a definição de sua crença na existência do Deus vivo e Criador. Trata-se de uma resposta bastante lógica e compreensível, e que faz-se norma de raciocínio do renomado reformador. Afinal, em quê ou quem buscar parâmetros de conhecimento a toda realidade senão perante Àquele que se crê tudo fez e todas as coisas trouxe à existência?

Os fundamentos da realidade primeira - Deus, a quem o homem precisa conhecer a fim de iniciar entendimento real acerca de tudo que há e si mesmo, desenvolve-se no que Calvino afirmou ser o conhecimento duplo de Deus (*duplex cognitio dei*); segundo Timothy George em a Teologia dos Reformadores: "... ele falava do conhecimento de Deus como Criador, manifesto na criação do universo, e do conhecimento de Deus como Redentor, visto apenas na face de Cristo." (1993, p. 189). Mister se faz declarar que este diálogo entre Deus e o homem na

caminhada do conhecimento, a partir de um olhar primeiro a Deus por parte do homem, no propósito de que inicie boa reflexão da realidade; é iniciativa de Deus. Deus aparece diante do homem, não é o homem que o descobre. George: "Todo conhecimento verdadeiro de Deus derivava de um fato: Deus, em sua grande misericórdia, dignara-se revelar a si mesmo. É importante reconhecer que, para Calvino, a revelação era o resultado de uma decisão livre de Deus." (1994, p. 191)

"Deus se revelou de tal maneira na estrutura do Universo (...) Estamos cercados por todos os lados pelas provas da maravilhosa sabedoria do Criador (...) Portanto, fica claro que não há ninguém a quem Deus não revelou Sua sabedoria nas obras de suas mãos." (CALVINO, 1984, p. 30) Importante para o Reformador foi definir as consequências oriundas deste olhar primeiro do homem a Deus. O primeiro conhecimento que temos ao observar a Criação de Deus é Sua riqueza e nossa limitação, ao mesmo tempo em que ao olharmos o Caráter e Sabedoria magistrais do Criador enxergamos também nossa miséria moral – a revelar a situação de pecado e de distância que estamos para com a pessoa de Deus. (As Institutas da Religião Cristã, João Calvino - um resumo: por Wiles, J. P. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1966, p. 24).

Esta aproximação primeira do homem a Deus lhe revela e atualiza o estado de queda da humanidade, a situação de afastamento do Criador, a perspectiva de vivência errante que impulsiona a natureza do homem - o estado de pecado, segundo a Bíblia. Pois ao observar a grandeza de Deus pelo seu caráter e realizações no mundo, o homem olha sua vida e se percebe distinto e

contrário ao Criador; refletindo assim acerca da situação desigual em que ambos existimos.

O primeiro conhecimento acerca de Deus surge à humanidade a partir da observação da grandeza e majestade do cosmos – o que irá requerer reação do homem, uma resposta à perspectiva da existência de Deus a partir das obras da Criação. Porém, em razão de estar afastado de Deus e incapaz de compreender Sua Glória manifesta na natureza, o homem não tem condições de responder ao Criador a fim de iniciar algum relacionamento com Ele.

Por isso Deus visitou o homem também com Sua Palavra, "enletrada nas Escrituras Sagradas e visível e audivelmente mostrada no ministério dos sacramentos e na pregação." (GEORGE, 1993, p. 192).

A Palavra compreensível de Deus esclarecerá tanto sua ação enquanto Criador do mundo, como ainda, em resposta divina à realidade de que o homem afastado de Deus se encontra – o ensino acerca de Deus como Redentor. "Pois uma coisa é conhecer a Deus como nosso Criador (...), mas coisa bem diferente é abraçar a reconciliação que é colocada diante de nós em Cristo." (CALVINO, 1984, p. 25).

“A fé deve penetrar mais profundamente; tendo aprendido que Deus é o Criador de todas as coisas, deve concluir que Ele é o governador e Preservador constante delas, e que Sua providência especial sustenta, guarda e cuida de cada

uma das Suas criaturas, até ao menor dos pardais." (CALVINO, 1984, p. 86).

Outro conhecimento notável que o homem recebe de Deus através da Palavra se refere ao modo como Deus governa tudo que acontece sobre a terra. O Deus Criador de toda terra e doador de todo impulso vivencial aos homens, será igualmente o Deus da Providência – que governa e sustenta a cada dia tudo que criou. Deus governa o desenrolar diário de sua criação e administra o mover cotidiano das criaturas. "Portanto, sempre que falamos de Deus como o Criador do céu e da terra, lembremo-nos que Ele retém o domínio de todas as obras das Suas mãos, e que nós somos Seus filhos, aos quais Ele se empenhou em nutrir, sustentar e proteger." (CALVINO, 1984, p. 79).

Conforme Timothy George, "A providência, então, estava inseparavelmente ligada à criação, sendo em si mesma um tipo de continuação do processo criativo." (1993, p. 205) Ao desenvolver a doutrina de que Deus está governando em detalhes a vida na terra em todo o tempo, Calvino foi acusado de fatalista por críticos à sua época – porém, a distinção do pensamento do reformador à esta acusação recebe comentário de Strohl, em sua obra *Pensamento da Reforma*: "A essa noção fatalista opõe a da "providência especial de Deus, que se interessa particularmente por cada criatura. Deus é o mestre e o moderador de todas as coisas". Moderar significa "presidir de tal modo que as coisas presididas se conduzam com ordem e harmonia". (2204, p. 153)

A Soberania de Deus em toda a criação revela-se ao homem quando sabemos do agir de Deus enquanto Redentor - que vêm salvar o homem dos seus pecados, de sua situação de miséria e engano existencial: "Cristo cumpriu o ofício sacerdotal quando, em sua condição de Mediador puro e imaculado, apaziguou a ira de Deus e fez uma compensação perfeita pelos pecados humanos. Mediante o ato redentor de Cristo, Deus Pai remove toda a causa de inimizade e reconcilia totalmente os cristãos consigo." (GEORGE, 1993, p. 219)

Quando o ser humano negou a Deus em desobediência e afastou-se d'Ele, também iniciou sua caminhada errante de vida, porque construída sem a verdade de Deus. O homem acaba por desenvolver uma vivência corrupta porque acontecendo sem os princípios do Criador, e impulsionado por uma sua natureza interior que se faz contrária à vontade de Deus. Distantes assim de Deus, os homens tornam-se vítimas de doenças diversas, e finalmente da própria morte.

Somente uma ação de transformação desta realidade por parte de Deus poderá resolver a situação. A maior das conseqüências que está sobre a vida dos homens Deus faz recair sobre seu próprio Filho – é assim que Jesus morre, em tomando o lugar dos homens para livra da raça humana a maldição que lhe acompanhava. Agora, em Cristo, o homem pode parar de morrer. São assim abertas ao homem portas de um recomeço de vivência existencial – junto de Deus. Através de Jesus Deus estará visitando os homens em Espírito, tocando seus corações e caráter, gerando neles a "vida" que somente em Deus está plena e verdadeiramente. Calvino: "Dissemos que a regeneração visa colocar a vida dos

crentes em harmonia com a justiça de Deus, como prova de sua adoção como filhos." (CALVINO, 1984, p. 236)

Estes atos da Soberania de Deus sobre a vida dos homens, tem o propósito de "buscar" o ser humano em seu estado existencial de engano, preparando o homem para dar uma resposta a tudo que Deus está fazendo em sua criação. A reação religiosa do ser humano constrói esta resposta. De que forma e aonde o homem que crê irá construir sua nova relação com Deus, tem sido diferencial de orientação de Calvino enquanto teólogo mor da Reforma Protestante.

O líder inicial da Reforma, Martinho Lutero, foi quem iniciou a radical transformação acerca da perspectiva do local e alvo do chamado de Deus aos cristãos para que lhe sejam fiéis. Na Idade Média, somente a vida sacerdotal, enquanto ministro das ordens religiosas, era considerada vocação - chamados por Deus a uma função e dever existencial. (Knudsen, Robert D. Calvino e sua influência no mundo ocidental. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p 22). "Ao reconhecer que toda a vida é santa quando reflete o propósito de Deus, Lutero faz a idéia de vocação estender-se para abranger toda atividade humana legítima." (KNUDSEN, 1990, p. 22).

A partir daí, porém, surge concepção distinta entre Lutero e João Calvino. O fato do homem natural estar em situação de pecado gerou visão geral de que nada há de bom nas humanidades do ser. Sua cultura e ciência seriam

totalmente contra Deus. Isto sempre afastou o homem cristão de vivenciar sua fé livremente em meio ao mundo secular.

Nesta perspectiva é que Lutero irá negar qualquer "atividade" de Deus na "natureza" - o que pressupõe que a faculdade humana da razão bem como toda atividade desenvolvida a partir de seu pensar, será, portanto, neutra diante de Deus - o importante é não negar-Lhe os mandamentos. (Knudsen, Robert D. *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 17).

Em franca distinção, porém, “o ponto de vista de Calvino (...) não envolve de modo algum qualquer depreciação da atividade cultural, nem das instituições humanas. Na Reforma calvinista, a idéia de vocação podia assumir a mais pura expressão de sua significação universal.” (KNUDSEN, 1990, p. 22).

O que permitiu a Calvino observar toda perspectiva de existência humana enquanto uma proposta de chamado positivo - jamais neutro, aos cristãos; surge de sua peculiar cosmovisão e compreensão do todo da Criação de Deus. Deus criou todo o mundo. Deus criou o homem e o fez à sua imagem e semelhança com personalidade. Deus é Aquele que capacitou o homem e ordenou-lhe o uso de seus dons para a edificação da vida na Terra. E Deus é que governa toda a natureza e a ação do homem na história. Portanto, é preciso observar toda a criação e existência humana também a partir deste prisma.

Portanto, quando Deus deseja transformar a vida do cristão a fim de que vivencie suas verdades em meio à criação; providencialmente o fará enviando

o homem a toda parte e toda situação deste mundo – pois tudo veio de Deus e agora os que são dEle viverão sua fé em todo lugar. Assim ministrou Calvino, em princípio que será determinante a uma conduta efetiva do cristão reformado quando da prática de sua fé no mundo.

Calvino está ensinando que mesmo um mundo ainda não transformado pela obra de redenção de Cristo, é também mundo em que Deus age e atua soberanamente. E isto faz em meio às humanidades do homem e à sociedade como um todo. Tal ensino fará o homem visualizar todo lugar e qualquer pessoa como debaixo dos planos de Deus.

Para o reformador, O Deus da Providência mantém no homem pecador e corrupto sua ação graciosa – “Graça Comum”, conforme Knudsen (1990,p 25), a fim de que a humanidade não pereça em total engano e maldade. Toda ordem, valor e dons instituídos à alma humana na Criação, originam do Deus Criador. Todo o desenvolvimento destas capacidades humanas dentro da história correspondem igualmente à uma ação de governo de Deus. Portanto, negar a cultura oriunda da atividade humana enquanto um potencial de Deus; e assim, não passível de redenção positiva e nem de uma observação compreensiva acerca do que lhe é valor, faz-se raciocínio contrário ao conhecimento das obras do Deus governador do mundo em sua providência.

A realidade desta ação governamental de Deus em toda a criação será fundamental a fim de que o homem compreenda, em profundidade, o chamado à vocação secular que de Deus recebe. Em toda esta obra do governo da

Providência de Deus no mundo – ele, cristão, será partícipe, co-agente de Deus. Tal primazia ao homem desenvolve Calvino ao lhe incluir em toda a ação de governo e condução da história que Deus está realizando – realçando a participação do homem e propiciando o fundamento de uma resposta positiva para com o desafio de sua vocação secular. "Ao controlar todas as coisas pela Sua providência, Deus às vezes opera mediante causas secundárias, às vezes sem elas, outras vezes até mesmo contra elas." (CALVINO, 1984, p. 93).

Nesta perspectiva, os papéis sociais do homem, seja no lar, política e toda sua interação à sociedade, são percebidos em valor superior ao homem cristão que se permite orientar pela teologia de Calvino.

Segundo Knudsen, "Calvino vislumbrava uma tal esfera orgânica na família. A família é uma ordenança da criação, fundada por Deus. (...) Ao chefe da família, no sentido restrito da palavra, o marido, foram concedidos dons especiais do Espírito. (...) O ponto de vista de estrutura orgânica, de Calvino, está presente também em sua maneira de conceber o Estado, no qual ele viu uma analogia com a família. Ele relacionou com o Estado, também, sua idéia de diversidade do gênero humano, quanto aos dons e esferas de atividade." (1990, p. 24)

Esta realidade de um mundo não convertido sob o agir de Deus, faz-se perspectiva distinta ao cristão calvinista enquanto um olhar que busca sua área de atuação no mundo. Assim, definitivamente, à luz da ação redentora de Deus em

sua vida, o cristão é chamado a enxergar sua vocação em visão social integral, abraçando todas as áreas de sua existência conforme os mandamentos ali destinados. O Deus que governa toda a criação faz com que o homem cristão visualize o mundo inteiro como seu campo de fé, e se submeta inteiramente a tudo que o Criador está regendo em qualquer situação da existência humana.

4.3 VOCAÇÃO RELIGIOSA

4.3.1. CONCEITO

A perspectiva reformada para a palavra Vocação requer atentemos para as expressões retiradas do Antigo Testamento, em hebraico: q a r a, e do Novo Testamento, em grego: k a l e i n, verbos, que significam chamado, ou vocação. (McKin, Donald. Grandes Temas da Tradição Reformada. Pendão Real, 1998, p 297). O hebraico q a r a traduz-se por "chamar, convocar, invocar, declarar formalmente" - neste sentido último, enquanto nomeia algo, significa "uma afirmação de soberania sobre a coisa nomeada"; também, utilizado para indicar "chamar para tarefa específica" - "Israel foi "chamado"(eleito) por Deus para ser Seu povo (Isaías 65.12)", em acordo ao Dicionário Vine (2002, p. 68). O termo grego, da raiz k a l, significando "chamar alguém, convidar, convocar", e ainda, "chamar por nome, nomear" - "assim sugere vocação ou destino", segundo Dicionário Vine (2003, p. 463). A partir deste uso bíblico, tais expressões assumem a idéia de uma convocação de Deus ao homem. Um chamado de Deus

que aguarda a resposta em fé dos homens a fim de que estes assumam o que lhes está sendo divinamente ordenado. Enfim, um chamado religioso ao homem, pois para o encontro, adoração e serviço a Deus.

Aspecto importante desta relação é que ao chamar, Deus também se encarrega de desenvolver junto ao homem esta convocação. Assim, há um chamado de Deus em Jesus Cristo feito aos seres humanos. São as Boas Novas, o Evangelho de Jesus endereçado a toda humanidade - a mensagem bíblica com função de descrever e chamar os homens a responder à convocação maior de Deus. Este chamamento confronta o homem através de uma atividade divina executada pela Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo. O propósito é encaminhar as pessoas a responder com fé ao chamado divino. Conforme definido por Charles Hodge em sua Teologia Sistemática: "Esta obra do Espírito, nas Escrituras, chama-se vocação." (p. 961)

Segundo Karl Barth (McKIM, 1998, p. 299), teólogo reformado do século 19, para Calvino, "a vocação (chamado) e a eleição estão coordenadas indissolúvelmente. A eleição olha para frente, na direção do evento futuro da vocação; a vocação olha para trás, na direção da eleição". Ora, o evento futuro da vocação é a realização integral do homem - como cristão. O evento passado e base do chamado é a eleição do homem por Deus, tornada real quando este se assume como cristão - sua vocação. Esta vinculação geral reformada e enfatizada por J Calvino, segundo Donald K. Mckin (1998, p. 299), "quer dizer, de modo muito simples, que nós não escolhemos a Deus; Deus nos escolhe e Deus nos chama para as alegrias, benefícios e obrigações da salvação em Jesus Cristo".

Esta perspectiva é fundamental a fim de que possamos compreender o valor que há para o cristão calvinista em buscar bem responder ao chamado de Deus para o cristianismo. Toda situação de vida deste homem convertido a Cristo se tornará momento de resposta adequada, ou não, ao que Deus lhe designou a ser e fazer, seja princípio bíblico específico ou geral, que o oriente. A vocação cristã em J Calvino se cristaliza numa atitude de temor a Deus perante toda sua existência, pois qualquer atitude vivencial se faz uma resposta digna, ou indigna perante o chamado, a vocação que de Deus recebe o homem, em Cristo. Segundo Robert D Knudsen (1990, p. 23), "para Calvino, a vida do homem, em sua totalidade, é compreendida como uma resposta à chamada de Deus."

Assim, este chamado faz-se Vocação ao ser humano porquanto define um destino adiante dele; porque é convocação de Deus que assim se realiza no homem a partir de resposta vivencial através da qual este participa de nova situação, nova experiência, nova perspectiva de realização de seu viver. Vocação porque chama o homem para responder a um destino determinado, preparado, propositado segundo Deus. Enfim, um chamado para ser cristão, eis a vocação. "O chamado de Deus é a todos os que crêem para serem cristãos." (McKIM, 1998, p. 298)

4.3.2 VOCAÇÃO: PERSPECTIVA REFORMADA

Enquanto teólogo, João Calvino é fruto e expoente da Reforma Protestante, portanto, inseparável deste movimento histórico. Assim, reconhecer singularidades ou ênfases de sua reflexão acerca do tema Vocação em relação à Perspectiva Reformada não significa distinguir sua pessoa deste movimento, mas sim, aprofundar nosso conhecimento referente à sua peculiar contribuição. Para isto realizar, importante se faz, resumidamente, apreender o conceito reformado de Vocação e a estrutura de seu desenvolvimento em princípios bíblicos.

Dentro deste propósito, podemos conceber uma doutrina da Vocação na Perspectiva Reformada a partir da existência e relação de alguns princípios, em texto orientado segundo a obra *Grandes Temas da Tradição Reformada, A Vocação na Tradição Reformada*, de Donald Mckin.

Inicialmente, trata-se de um chamado de Deus para que os homens se voltem à sua presença e verdade, em Jesus Cristo, o qual observado em textos do Novo Testamento confere à expressão certo sentido técnico em que "o termo "chamar" tem um sentido teológico especial" (McKIN, 1998, p. 298). Em seguida, trata-se de um chamado em Jesus para que o homem conheça a Deus e sua Verdade na mensagem e obra do Filho - a salvação: "Existe um chamado de Deus e este é para todas as pessoas em Jesus Cristo. É um chamado ou convite para se envolverem na salvação; um chamado a todos os que crêem para serem

cristãos." (McKIN, 1998, p. 299) Trata-se da assim denominada "vocação eficaz" segundo confissões de fé reformadas; citando Karl Barth:

No Novo Testamento, K I e s i s sempre se refere, de modo bastante inequívoco, ao chamado divino, isto é, ao ato do chamado de Deus realizado em Jesus Cristo, pelo qual a pessoa é transplantada para seu novo estado como cristã, é feita participante na promessa (Ef 1.18; 4.4) relacionada com este novo estado e assume o compromisso (Ef 4.1; 2 Pe 1.18) correspondente a este estado. Este chamado é santo (2 Tm 1.9) e celestial (Hb 3.1). Portanto, ele vem de cima (Fp 3.14). (McKIN, 1998, p. 299)

Este aspecto de uma vocação que é eficaz porque plenamente concretizada na vida do homem representa, para Mckin, o "fundamento" da salvação. Citando: "A partir desta compreensão a respeito da vocação, a teologia reformada continuou a entender que o fundamento de nossa vocação está em nossa eleição como povo de Deus - isto é, como Igreja." (1998, p. 299).

Assim, a Igreja enquanto comunhão dos chamados por Deus - eleitos, será a base de encontro desta comunidade não na perspectiva de um lugar e local, mas enquanto "uma fonte (...) de onde nosso próprio entendimento e atos podem tomar forma e receber poder." Continuando: "Pois a Igreja é o dom da graça de Deus, onde nossas vocações ganham seu rumo, onde podemos ser corrigidos e ajustados, até mesmo redirecionados" (McKIN, 1998, p. 301). A Reforma Protestante irá determinar revolução singular na vida religiosa do ser

humano a partir exatamente desta mudança de foco: O cristão não "adora ou serve" a Deus "dentro" da Igreja, mas em toda sua vida: "A distinção clero/laicato não foi eliminada no protestantismo, mas o novo foco na vocação como o chamado da pessoa na vida diária centralizou a atenção na obrigação e oportunidade de cada um desempenhar um papel significativo no todo do reino de Deus". Ainda, "de acordo com Weber, isto levou à concepção que vê "o cumprimento das obrigações seculares como a única forma de agradar a Deus e daí a crença de que qualquer chamado legítimo tem exatamente o mesmo valor aos olhos de Deus." (McKIN, 1998, p. 302)

Ainda, percebe-se o último item deste entendimento acerca da doutrina da Vocação, que irá voltar-se para seu fim e propósito - A Missão da Igreja enquanto um "serviço ao mundo", um ponto em comum para todas as denominações reformadas.

Esta "carne" que deverá ser colocada na maneira como o cristão chamado por Deus irá servir ao mundo é que irá formalizar e representar as diferenças da perspectiva vocacional para o cristão entre os Reformadores; bem como, as influências e transformações na vida social concernente aonde irão viver e "servir como cristãos" cada um dos diversos ramos do protestantismo. Calvino se fará singular e revolucionário a partir das peculiaridades de sua doutrina cristã da Vocação a partir exatamente da força tanto de sua base bíblica quanto de sua realização vivencial na existência humana.

4.3.3. VOCAÇÃO SECULAR: O PENSAMENTO DE J. CALVINO

Enquanto teólogo responsável pela mais completa e objetiva sistematização das crenças bíblicas protestantes, João Calvino, acerca do tema *Vocação Secular do Cristão*, formula uma proposta de compreensão e prática cristãs, que, porém, não se encontra definida em uma, por exemplo, doutrina calvinista da *Vocação*.

O assim denominado "Exegeta da Reforma" devido à sua "clareza, simplicidade e fidelidade textual" conforme Herminsten (2000, p. 37), formulou sua maior e mais conhecida obra, *Institutas*, num período de 23 anos (1536-1559), ao mesmo tempo em que comentava praticamente todos os livros da Bíblia (Herminsten, Maia da Costa. *O Pensamento de João Calvino*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000 p 38). Nesta perspectiva, destes comentários Calvino extrai as verdades e princípios de Deus que irá declarar nas *Institutas*, conforme seu propósito de escrever obra didática (Herminsten, Maia da Costa. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 142), segundo Timothy George, "um manual de instrução... que apresentasse os rudimentos de uma teologia bíblica e levasse os jovens cristãos a uma maior compreensão da fé." (1993, p. 178). Calvino expõe a Bíblia em propósito de integração e uniformidade de toda a revelação de Deus formulando um sistema para todo o ensino de Deus, que exposto progressivamente nas *Institutas*, irá demonstrar e nortear desenvolvimento correlato de temas distintos referentes a Deus e à

existência do homem. (Herminsten, Maia da Costa. Raízes da Teologia Contemporânea. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 139 e141)

Esta perspectiva requer um estudo amplo de seus escritos a fim de que possamos obter sua "doutrina" acerca de temas diversos da vida humana cristã, bem como para perceber a riqueza e abrangência singulares dada aos ensinamentos de Deus pelos textos exegéticos de Calvino. Assim, qualquer que seja o assunto, é sua exposição contínua de toda a revelação de Deus que apresentará tanto princípios gerais quanto específicos, acerca de tudo que Deus "falou" concernente à vida humana. Sua obra *As Institutas* torna real esta exposição temática ampla da Palavra de Deus, o que requer que todo leitor de qualquer um de seus comentários aos livros da Bíblia aproxime-se desta sua obra magna para nela referir o contexto adequado de compreensão de qualquer declaração anunciada quando da análise de um verso, um capítulo ou ainda, um livro inteiro da Bíblia.

Compreender, então, o pensamento de J. Calvino acerca da crença *Vocação Secular*, requer a entendimento de determinados temas reformados em perspectiva calvinista, conforme orientação geral do reformador, o que surge a partir do conhecimento de temas de sua teologia bíblica cristã sistematizada, conforme exposto nas *Institutas*. Somente assim perceberemos a unidade e diferencial de sua visão teológica. Neste propósito é que se desenvolve o atual capítulo, até aqui alinhando os temas da Glória e da Soberania de Deus, e em seguindo, apreciando os temas do Trabalho, Liberdade e responsabilidade social e da Predestinação.

4.4. TRABALHO: PERSPECTIVA REFORMADA

O homem cristão reformado deverá atuar em sua vida profissional tendo a Glória de Deus por fundamento. Observar toda a existência enquanto criação de Deus, incluindo o homem e sua construção sócio-cultural, a fim de que tudo lhe seja por local de cumprimento dos desígnios de Deus. De tal forma que uma secularização do sagrado ou mundanização da perspectiva religiosa do homem, sendo seu trabalho profissional o elemento de ligação, faz-se real e autorizada a partir deste conhecimento do que Deus está realizando no mundo. Pois tal compreensão orienta o homem a assumir diante do Criador as responsabilidades do projeto de restauração integral da sociedade. Eis, assim, fundamentos de uma ética cristã calvinista que será formalizada ao cristão a tantas quantas forem as áreas das relações humanas que vivencia.

A norma cristã ou dever religioso em Cristo que se assevera ao cristão calvinista, diante do mundo integral que nos cerca, será a resposta necessária em temor a Deus segundo os aspectos acima postulados. Segundo A McGraph, em A vida de João Calvino; "A ênfase de Calvino no fato de que o fiel poderia ser chamado por Deus para servi-lo em todas as esferas da existência secular concedeu ao trabalho uma nova dignidade e significado. O mundo deve ser tratado com desprendimento, na medida em que ele não é Deus e é facilmente confundido com este; porém, pelo fato de que o mundo é uma criação de Deus, ele deve ser afirmado." (2004, p. 262)

Observamos na introdução que o a raiz do termo grego kal significa "chamar". Na primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 7, verso 20, encontramos o termo klesis - substantivo correlato (McKIN, 1998, p. 297), que traduz-se ali por "chamado". A Reforma Protestante iniciou importante transformação acerca do valor do trabalho secular ao cristão, exatamente a partir da tradução deste termo efetuada por Martinho Lutero - aspecto importante, já que a Reforma retirava seus princípios de conhecimento de Deus e relacionamento com o mundo a partir da Bíblia somente, como um diferencial magno seu diante da Igreja Romana. Lutero traduziu Klesis ao alemão utilizando a expressão *beruf* que pode significar "vocação" e "profissão". (McKIN, 1998, p. 301). Creio ser importante esta citação, conquanto concorde com Donald McKim, - Grandes Temas da Tradição Reformada - A Vocação na Tradição Reformada, quando observa: "Existem alguns problemas com o ponto de vista de Lutero. No campo exegético, este sentido mais estreito e técnico de vocação, como o emprego ou profissão de alguém, não é seguramente o que Paulo tinha em mente quando escreveu aos Coríntios. Ali, o apóstolo estava mais preocupado com a situação em que a pessoa se encontrava quando se tornava cristã." (1998, p. 302).

Portanto, é mister compreender a revolucionária perspectiva temática iniciada na Reforma acerca do valor do trabalho ao cristão, pois até então, era percebido somente enquanto "eticamente neutro" (HERMINSTEN, 2004, p. 118) e ainda, na perspectiva grega, "arte mecânica", como sendo algo degradante para o ser humano, e inferior (...) ao ócio, descanso, repouso, à vida contemplativa e ociosa (...) por um lado, e à atividade militar pelo outro." (2004, p. 118).

Há grave distinção a esta idéia quando da exposição do pensamento de J. Calvino, pois a partir dos fundamentos da Reforma ele oferece amplitude peculiar e significativa ao que até então os próprios reformadores haviam postulado. "A contribuição de Calvino pode ser considerada como efetiva em dois níveis: em um deles, foram retirados os desestímulos (tal como o opróbrio social e religioso de que era investida a geração de capital no período medieval); no outro, estímulos positivos encorajaram a adoção de posturas e práticas favoráveis à emergência do Capitalismo." (McGRATH, 2004)

"O trabalho secular se tornou uma parte integrante da espiritualidade de Calvino, conferindo um novo sentido à máxima monástica medieval *laborare est orare*, "trabalhar é orar". O trabalho manual não era somente regra em Genebra; era o ideal religiosamente sancionado." (McGRATH, 2004, p. 264)

Enquanto orientação divina ao homem, esta sua vocação - fundamentada nas obras da Criação e do Governo de Deus sobre o mundo, define-se o trabalho em Calvino enquanto continuidade da ação providencial de Deus a fim de que a existência humana na Terra ocorra a bom contento. (Biéler, André. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 513) "A ação providencial não suprime, ao contrário, fundamenta a livre ação do homem. Agir livremente é executar o que o próprio Deus faz; à parte desta ação, todo trabalho do homem nada é senão agitação febril e atividade inútil." (BIÉLER, 1990, p. 514).

Ao assumir sua função na obra atual e constante do Deus da Providência entre nós, o homem cristão dignifica suas ocupações no mundo; tarefa que já lhe foi ordenada desde o início pelo Criador: "Deus designou o homem para, por seu trabalho, dominar sobre toda a terra e sujeitá-la a si." (BIÉLER, 1990, p. 523). Enquanto chamado por Deus Redentor para recuperar à Terra e existência humana os propósitos do Criador, experimentando e anunciando a vinda do perfeito Reino de Deus em Jesus na eternidade; o homem se enxerga igualmente convocado a ocupar sua posição em meio à vida humana atual. Ao assumir seus deveres na construção e progresso da sociedade humana, a partir dos dons e capacitações dados por Deus neste propósito, o homem se percebe também realizado enquanto ser e pessoa, pois sua ação criativa e transformadora em sociedade – seu trabalho profissional, lhe é necessidade natural enquanto ser humano, essencial também à sua satisfação existencial. (BIÉLER, 1990, p. 522 e 523)

Esta existência que se dedica à prática do trabalho a satisfazer a alma humana, construindo igualmente a sociedade enquanto possibilidade limitada, mas significativa à luz do projeto do Reino de Deus eterno; será proposta do pensamento de J. Calvino a fim de nortear e legitimar um positivo envolvimento do cristão no mundo dos homens. Pois o alvo do homem é a vida eterna, a vida que se aguarda e se constrói a partir de Jesus – através de uma união do homem em serviço a Deus em tudo que realiza o Criador. (Biéler, André. O Pensamento Econômico e Social de Calvino. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 526)

Dentro desta proposta de trazer ao mundo via trabalho profissional certos valores do Reino de Deus, assim postulou Herminsten, em Raízes da Teologia Contemporânea: "Calvino defendeu três princípios éticos fundamentais: Trabalho, Poupança e Frugalidade. Note-se que a poupança deveria ter sempre o sentido social." (2004, p. 120). Acerca do chamado para construir a sociedade, nela se envolvendo a partir de um propósito de serviço, segundo a ação de governo do Deus da Providência, acentuamos: "Calvino, interpretando Hebreus 13.16, entende que os benefícios que prestamos aos homens se constituem parcialmente em culto a Deus, sendo isto uma grande honra que Deus nos concede."

Calvino irá expor em seus comentários de livros bíblicos a função suprema do trabalho do homem, tendo por princípio que esta dedicação deve ocorrer com fins à construção da sociedade econômica e social do homem; especialmente com vistas ao bem comum e o progresso de todos, especialmente dos necessitados (HERMINSTEN, 2004, p. 128). Este é o proveito necessário de toda ocupação entre os homens, sendo um dever religioso que não valoriza o homem e seu trabalho se separados, evidentemente, de Cristo e de seus mandamentos de moral e de amor ao próximo.

"As Escrituras nos ensinam que Deus nos criou para o trabalho (Gn 2.8,15). O trabalho, portanto, faz parte do propósito de Deus para o ser humano, sendo objeto de satisfação humana: (...) Seu trabalho deve ser feito como uma prenda feita a Deus, independentemente dos senhores terrenos;

deste modo, o que de fato importa, não é o trabalho em si, mas sim o espírito com o qual ele é feito; a dignidade deve permear todas as nossas obras, visto que as realizamos para o Senhor." (HERMINSTEN, 2004, p. 129)

Enquanto perspectiva bem delineada de atuação cristã segundo convocação de Deus, o trabalho secular se tornou relevante experiência de transformação, tanto do indivíduo quanto da sociedade, a partir de sua base de crença protestante - conforme apreendida na história por nações diversas a que influenciou. O desenvolvimento e progresso gerados a partir desta doutrina originam de uma ativa dedicação do homem em resposta ao chamado de Deus, pois envolvem uma ética cristã construída a partir de uma liberdade com responsabilidade.

4.5. LIBERDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL

J Calvino pertence ao movimento religioso do início do século XVI denominado Reforma Protestante, em que cumpriu papel de liderança junto a outros expoentes, como Martinho Lutero e Ulrico Zuínglio. (Mcgrath, Alister. Teologia sistemática, histórica e filosófica. São Paulo. Sheed Publicações, 2005, p. 953). Quando em 31 de outubro de 1517 Lutero afixou suas 95 teses em Wittenberg, sua reprovação referia-se à venda de indulgências enquanto garantia do perdão dos pecados diante de Deus, prática então sustentada pela Igreja Católica Romana.

A proposta de uma revisão da doutrina referente ao perdão de pecados fez-se amplo embate religioso e social, que trouxe à luz todo um sistema de doutrinas e práticas da então Igreja Cristã oficial, considerados contrários à orientação da Bíblia. Isto porque a Reforma representou a recuperação dos textos do Antigo e Novo Testamento enquanto única verdade revelada de Deus aos homens, o que em contraste às instruções religiosas da Igreja Romana, iluminava as diferenças entre orientações protestantes e católicas. (Herminsten, Maia da Costa. Raízes da Teologia Contemporânea. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 78)

A doutrina da Justificação pela fé, ofertada no evangelho de Jesus ao fiel, torna-se ensino essencial de Lutero; revelando ao homem a Graça salvadora em Cristo, sem necessidade de que haja intermediação institucional ou humana

para o relacionamento com Deus. Segundo Alister McGrath, para Lutero, "a igreja havia se tornado a senhora do evangelho, quando deveria ser sua serva. (...) Lutero trata esse aspecto com mais profundidade na obra *The Liberty of a Christian* (Da liberdade do cristão), em que explora as consequências da doutrina da justificação pela fé para a vida cristã." (2005, p. 102).

Somente a Fé, a Graça, a Escritura, Cristo e, somente a Deus, a Glória; serão as crenças bíblicas fundamentais da Reforma Protestante que irão gerar profunda transformação no relacionamento do homem com Deus; e por consequência, do homem para com o homem, e, assim perante todo o mundo. Ao crer na promessa da Palavra de Deus, de que em Cristo o homem é perdoado pela Graça, e assim capacitado a um relacionamento com Deus, no propósito de vivenciar a existência humana junto do Criador; sendo tudo isto uma obra de Deus para com o homem - *Soli Deo Gloria* – apresenta-se ao homem do século XVI perspectiva religiosa há muito esquecida: a possibilidade de um relacionamento pessoal perante Deus.

Esta Liberdade Cristã na perspectiva reformada enquanto uma oportunidade de relacionamento direto do homem com a Pessoa do Criador, irá desenvolver tantas transformações na vida humana individual e social quanto o potencial de um encontro objetivo entre Deus e os homens pode sugerir. Analisando em sua obra *A Força Oculta dos Protestantes*, transformações sociais geradas pela Reforma, em comentário acerca da ação revolucionária que iria desencadear na história, a possibilidade deste relacionamento pessoal do homem com Deus, Biéler cita declaração do historiador protestante Marc Boegner:

"Se, no limiar dos tempos modernos, a Europa sofreu um abalo cujos efeitos estão longe de serem exauridos, é porque a consciência dos homens sofreu um drama espiritual, do qual saiu tendo encontrado, numa completa dependência para com Deus, o segredo de uma liberdade moral, da qual deviam nascer todas as liberdades modernas." (1999, p. 51)

Lutero irá enfatizar em suas reflexões a preocupação pessoal e primeira de um perdão pessoal e da solução da culpa que atormenta o pecador. Os reformadores a partir dele irão observar as consequências desta liberdade cristã do pecado e da instituição mediadora, a partir do que transformam nas relações do cristão na sociedade. (Biéler, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 55). Calvino irá desenvolver esta perspectiva como nenhum outro teólogo reformado. Sua diferença de proposta diante de Lutero a respeito do tema não exclui o singular valor de ambas as proposições: "Lutero insiste sobre a conversão e a vida nova que provém da comunhão com o Cristo. Calvino sublinha e desenvolve as consequências dessa renovação para a permanência de uma vida harmoniosa dos indivíduos e da sociedade." (BIÉLER, 1999, p. 56)

Enquanto teólogo que desenvolve esta liberdade relacional do homem à Pessoa de Deus, Calvino irá propor ao cristão o desenvolvimento da relação religiosa perante toda sua existência. A liberdade de relacionamento pessoal com Deus também transfere ao homem a responsabilidade de bem evidenciar os frutos deste encontro em toda sua existência.

Biéler: "Um dos primeiros ensinamentos evangélicos exaltados pela Reforma, que mais transtornou a condição humana com relação às concepções da Idade Média, é a proclamação de que um chamamento individual é endereçado por Deus a cada indivíduo (...) o que faz de cada indivíduo uma pessoa única e inteiramente responsável por si própria". (1999, p. 51)

O propósito de Calvino não é outro senão orientar ao homem as perspectivas de oportunidade e desafio que a verdade evangélica da renovação do relacionamento entre Deus e o homem vêm oportunizar. Enquanto indica ao indivíduo as possibilidades de restauração e transformação de toda sua vida, (Biéler, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 51) esta liberdade relacional para com Deus gera ao cristão protestante, especificamente, a oportunidade de perceber e declarar ética distinta à religiosidade comum à época. Pois a resposta do homem ao chamado do Criador em Cristo precisa ocorrer em coerência ao desafio e, também, à oportunidade de viver sua vida toda face a face com Deus. Uma liberdade do evangelho que gera uma responsabilidade: a definição e prática de uma ética cristã para toda conduta do fiel cristão protestante.

Calvino fará surgir seu gênio teológico impar e definir sua liderança enquanto transformador social da Reforma, exatamente neste momento de unir os ensinamentos da Palavra de Deus ao contexto social do homem. Isto ele realiza ao bem perceber o ser histórico e social enquanto envolto nas dimensões individuais e

comunitárias inerentes à sua existência, promovendo uma orientação teológica que orienta, em objetividade e clareza, a sociedade de seu tempo na complexa tarefa de bem relacionar tudo que acontece à verdade de Deus.

Enquanto pessoa que busca realizar-se junto de Deus na liberdade do evangelho de Cristo, o cristão descobre nas reflexões de J. Calvino orientação animadora, pois traduz o desafio e também a oportunidade de responder ao chamado do Criador em todas as esferas de sua vida. Tudo lhe será então possível de edificar diante de Deus, empreendendo sua existência debaixo de supremo propósito supremo - A Glória de Deus.

"Na revolução Francesa uma liberdade civil para todo cristão concordar com a maioria incrédula; no calvinismo, uma liberdade de consciência, que habilita cada homem a servir a Deus segundo sua própria convicção e os ditames de seu próprio coração" (KUYPER, apud MÁSPOLI, 2005, p. 33)

4.6. PREDESTINAÇÃO E CAPITALISMO

“Consideremos agora o seguinte: tendo em vista o fato de que a Aliança da Vida não é pregada a todos, e também que onde é pregada não é recebida igualmente por todos, vê-se nessa diversidade um admirável mistério do juízo de Deus. (...) Pois bem, como é evidente que isto é feito pela vontade de Deus (...) daí decorrem grandes e altas questões, as quais só se resolvem ensinando aos crentes o que eles podem compreender da eleição e da predestinação de Deus.” (CALVINO, 2006, p. 37)

Observamos como a doutrina cristã da Justificação pela fé - encontro e relacionamento pessoais do homem com Deus oferecidos a partir da Graça em Jesus Cristo - e não por conquista do homem; desenvolveu-se em uma responsabilidade a requerer resposta individual do cristão aos desafios de Deus para sua existência. A doutrina da Eleição que reconhece os cristãos enquanto chamados a Cristo em um processo que do início ao fim é movido pelo poder sobrenatural de Deus, e sem que o homem observe em si capacidade para enxergar e bem responder a Deus Salvador e Redentor - gerou igualmente consequências diversas à experiência religiosa intra-mundana do cristão reformado, especialmente o calvinista.

Calvino preocupou-se quando observou toda a humanidade à luz do chamado de Deus em Cristo, acerca da questão do que acontecia aos que não respondiam à convocação de Deus. Reconhecendo que nele próprio nada existia de superior aos outros, a fim de que pudesse melhor enxergar a Cristo e bem

responder a Deus; refletiu ele acerca de uma dupla eleição de Deus, a predestinação. Tal fundamento explicaria a existência entre os homens das duas classes que surgem diante do chamado de Deus à eternidade: os eleitos para a vida eterna em Cristo e, os eleitos para a eterna separação de Deus - estado atual comum à toda humanidade sem Cristo. (McGRATH, 2004, p. 538)

Esta declaração que define Deus como aquele que escolhe os cristãos, especialmente na vivência pastoral de Calvino, no orientar da caminhada cristã de muitas de suas ovelhas; faz surgir questão que ao crente comum surgia enquanto dificuldade primordial: Como poderá saber o cristão se faz ele parte do grupo dos eleitos? Calvino, assim como todos os reformadores, foi intransigente na defesa da Justificação pela Fé – a salvação pela graça em Cristo somente; e não por obras ou qualquer realização humana, enquanto um caminho a fim de propiciar garantia para que o homem se soubesse reconhecido justo perante Deus e sua Lei.

De igual forma, em consequência a seu conhecimento da Palavra de Deus, Calvino enfatizava enquanto possível prova do estado do homem a virtual mudança de vida do cristão: "Não divagamos sobre uma fé destituída de boas obras; confessamos que necessariamente elas andam juntas; todavia argumentamos que somos justificados pela fé e não pelas obras." (CALVINO, 1984, p. 258). A relação desta postura e ensino de Calvino com o capitalismo, surgirá a partir de perspectiva que enxerga a angústia do crente acerca do conhecimento de sua eleição, como ação psicológica a provocar-lhe atuação dedicada no mundo, para ali bem comprovar – pelas obras, seu estado de graça

diante de Deus. Alister McGrath exemplifica a relação entre a crença de Calvino na Predestinação e o Capitalismo: "É possível encarar essa tendência de considerar as obras uma evidência da eleição como a primeira fase da articulação de uma ética do trabalho, que apresentava significativas nuances pastorais: afirmava-se que era por meio do ativismo secular que o cristão poderia assegurar sua consciência atormentada de que estava entre os eleitos." (2005, p. 538)

Porém, a leitura da reflexão de Calvino acerca da Predestinação, demonstra que sua motivação surgiu de interesses pastorais ao ouvir as dúvidas dos fiéis, e sua resposta se fez sobre a base da Revelação de Deus - simplesmente afirmando ao cristão que deveria confiar na Palavra de Deus e buscar confiança na presença do Espírito Santo a lhe falar ao coração. Jamais houve por parte de Calvino desdobramentos outros à doutrina da Predestinação, especialmente em relação a permitir seu uso enquanto estímulo à uma salvação do cristão que pudesse ser confirmada pelas obras.

Somente em séculos seguintes, teólogos reformados utilizaram-se desta doutrina a fim de orientar os cristãos perante dúvidas acerca da realidade de sua eleição. Desta forma é que a Predestinação se fez um valor reformado a mover fiéis às boas obras, em um senso de dever religioso que se fez propósito de sinalizar com eficácia acerca de sua eleição por Deus: "Além de glorificar a Deus e demonstrar a gratidão do cristão, essa atitude ética do ser-humano desempenha um papel psicológico de vital importância para a aflita consciência cristã, pois dava ao cristão a certeza de que era realmente um dos eleitos." (McGRATH, 2005, p. 538)

Esta teologia reformada posterior a Calvino, que utilizou-se da doutrina da Predestinação de forma não observada no ensinamento do reformador, foi reconhecida por Max Weber quando de sua análise de escritos de cristãos calvinistas dos séculos 17 e 18 (Mcgrath, Alister. A vida de João Calvino. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 254). Max Weber reconheceu em seu conteúdo os valores geradores que impulsionaram a ética reformada do trabalho, declarando que a existência deste sentimento interior de agradar a Deus e ser reconhecido entre os cristãos eleitos, podia ser observado em comunidades calvinistas afeitas ao progresso econômico. Daí a relação entre Predestinação e Capitalismo, que faz-se elemento de estudo em sua famosa obra de pesquisa sociológica: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. "Na verdade, Weber atribuía a contribuição fundamental do calvinismo a sua capacidade de gerar impulsos psicológicos devido a seu sistema de crenças" (McGRATH, 2005, p. 539)

Nesta pesquisa buscamos desenvolver o pensamento de João Calvino referente à Vocação secular do cristão, enquanto uma proposta de conduta ética ao fiel calvinista no mundo. Procuramos reconhecer e bem compreender os elementos significativos das doutrinas por ele escritas, à luz dos elementos observados por Max Weber quando idealizou uma ética protestante especialmente relacionada ao capitalismo. Portanto, jamais poderíamos deixar de anotar a existência deste pensamento de Max Weber, bem como de reconhecer a relação que há com toda a crença de Calvino desenvolvida nesta dissertação. No entanto, não se faz propósito deste estudo aprofundar nem mesmo defender ou negar tal

análise sociológica. O objeto desta pesquisa é somente reconhecer o pensamento de Calvino enquanto proposta de uma Ética Protestante.

Concluindo, mister se faz declarar que "Weber teve uma percepção correta quanto ao fato de que as idéias religiosas poderiam ter um poderoso impacto social e econômico sobre a Europa, no início do período moderno". (McGRATH, 2005, p. 539)

5 CONCLUSÃO

O que Calvino percebeu foi a necessária atuação do cristão na vida secular, enquanto membro da Família, Estado e Sociedade; seja como Pai, Cidadão e Profissional, a partir de reconhecida ordenação divina ao homem definida na Criação. A existência humana na Terra foi estabelecida a partir destes parâmetros, em que a edificação e desenvolvimento das relações humanas em seus diversos níveis de interação foi outorgada e ordenada ao homem. Ao tratar-se de um dever a partir do Deus Criador - reconhece-se aqui uma sagrada vocação ao homem.

Eis, portanto, o fundamento de conduta secular ao cristão segundo o pensamento de João Calvino – e o espírito de sua ética protestante é igualmente peculiar: Amar a Deus e amar o próximo, destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas, afirmou Jesus Cristo. Para Calvino, os propósitos da conduta dos cristãos em sua vida sócio-econômica são a Glória de Deus e o assistir do homem.

Vocês são a luz do mundo – assim brilhem diante dos homens a fim de que vejam suas boas obras e glorifiquem o nome do Pai dos céus, afirmou Jesus. Para Calvino, o cristão deve consagrar as riquezas adquiridas a Deus, entregando-as ao próximo delas necessitado, anunciando ao mundo a Providência bondosa do Criador.

É mister declarar a Ética Protestante de João Calvino fundamentando-a nos claros princípios espirituais que ordenam sua proposição enquanto conduta secular ao cristão. A Calvino S. A. se faz representar por um irreduzível propósito de gerar Solidariedade humana, a partir de uma absoluta Associação espiritual do vocacionado cristão perante Deus. Eis a base e os fins últimos da conduta protestante forjada nos princípios morais cristãos que lhe garantem o inspirador título: Ética!

A ascese para Calvino refere-se a uma dedicação espiritual que tanto bem utiliza o que se adquire quanto melhor se organiza para esta riqueza angariar; e carrega consigo, do início ao fim do seu exercício, o olhar de Deus e o olhar do próximo. Pois é junto ao que abençoa e perto do que necessita a bênção que se edifica a real convocação de Deus ao cristão – o eficaz governo do planeta, digo cuidado deste, leia-se: o bem à humanidade.

Este socialismo capitalista de João Calvino, visto que solidariza as riquezas enquanto distingue personalidades e atividades, em equilíbrio que se mantém, sempre, na liberdade e responsabilidade que somente a autoridade e presença de Deus podem implementar em meio à humanidade – é surpreendente. O caráter intrínseco a esta proposição ética eleva às nuvens os olhos dos amadurecidos homens da economia, a meditar: santa ingenuidade. Ao mesmo tempo em que, igualmente, resgata ao interior dos idealistas desanimados, um olhar aos céus, a dizer: será mesmo possível?

João Calvino acreditou que sim! Por isso ministrou um sistema de atos que oportunizam aos idealistas visualizar no cotidiano sócio-econômico dos amadurecidos negociantes uma proposta digna dos céus – e de Deus. Eis sua Ética Protestante, descrita e fundamentada, perto de todo aquele que a deseje experimentar.

Max Weber compreendeu o quanto a dedicação religiosa pode incrementar a atuação cotidiana do homem e assim mover o social. Uma Ética Protestante que, amparada na força do caráter do homem, redundou em diferencial progresso econômico.

Calvino compreendeu o quanto um verdadeiro e comprometido relacionamento do homem com Deus pode transformar o mundo. Uma Ética Protestante baseada na força e na Presença de Deus, desafiando o homem a gerar vida, e Vida em abundância, como prometera Jesus.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira e QUINTANEIRO, Tania. *Um Toque de Clássicos. Marx, Durkheim e Weber* - Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

BIÉLER, André. *A Força Oculta dos Protestantes*. Tradução de Paulo Manoel Protasio - São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BIÉLER, André. *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*. Tradução de Waldyr Carvalho da Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C, 1990.

CALVINO, João. *A verdadeira vida cristã*. Tradução Daniel Costa. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2000.

_____, João. *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa / tradução Odayr Olivetti*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____, João. *As Institutas da Religião Cristã: um resumo. Condensação J. P. Wiles. Tradução Gordon Chown*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1984.

_____, João. *Exposição de 2 Coríntios*. São Paulo: Parakletos, 1995.

_____, João. *O Livro dos Salmos, Vol 2, p. 580*.

COSTA, Herminsten M. P. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

COSTA, Herminten M. P. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Editora Vida, 2006.

DE LIBERAL, Márcia de Mello Costa. Liberal. A religião como fonte de ética: revisitando alguns paradigmas. 2002 / pg 65-68, (Revista Portuguesa de Ciências das Religiões, ano 1, nº 2)

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *Religião, Educação e Progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Ética Cristã, educação e responsabilidade social em Lutero e Calvino*. Ética: reflexões contemporâneas / De Liberal, Márcia Mello Costa e Souza Neto, João Clemente (Org.): Arauco Editora, 2005.

GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão*; tradução Paulo Arantes, Vanuza Helena Freire de Matos. - - São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HACK, Osvaldo Henrique. *Curso de Teologia*. Ética Cristã II. APOSTILA DE ESTUDOS, 2005, Curitiba. Faculdade Teológica Sul Brasileira. Curitiba, 2006, p. 4 - 16.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. Tradução Ricardo Gouveia e Paulo Arantes - São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

McGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. Tradução Marisa K. A de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

McGRATH, Alister E. *A Vida de João Calvino*. Tradução de Marisa Lopes, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MCKIN, Donald K. editor. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. Tradução Gerson Correia de Lacerda. Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Editor . *O Pensamento de João Calvino* - São Paulo: Editora Mackenzie, 2000 - (Série Colóquios; v.2)

SANTOS, Amélia Mota Filha. *Método e História em Max Weber: A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Revista de História, São Paulo, ano 13, v. 35, n. 72, p. 483 - 500. 1967

STROHL, Henri. *O pensamento da Reforma*. Tradução Aharon Sapsezian. - 2º edição. - São Paulo: ASTE, 2004.

TIMOTHY, George. *Teologia dos Reformadores*. Tradução Géron Dudus e Valéria Fontana. -- São Paulo: Vida Nova, 1993.

TAWNEY, R. H. *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*. Tradução Janete Meiches - São Paulo: Editora Perspectiva S. A.

KNUDSEN, Robert D, REID, W. Stanford (Ed.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana S/C 1990.

WALLACE, Ronald S. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. - São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

R946 Ruppell Júnior, Ivan Santos.
A ética protestante e o pensamento de João Calvino /
Ivan Santos Ruppell Júnior. — São Paulo : Universidade
Presbiteriana Mackenzie, 2007.
106 p.

Dissertação (mestrado) – Universidade Presbiteriana
Mackenzie, 2007.

Orientador : Ronaldo de Paula Cavalcante

1. Protestantismo. 2. Sociologia cristã. 3. Religião e
sociologia. 4. Calvinismo. 5. Capitalismo. I. Título.

CDU 261